

REVISTA DO ENSINO

ÓRGÃO OFICIAL DA INSPETORIA GERAL DA INSTRUÇÃO

SUMARIO

DA REDAÇÃO:

A grande tarefa pag. 1

NOTAS E COMENTARIOS:

"Quanto" ensinar—Guerino Casasanta pag. 3

Em torno da socialização—M. Murgel pag. 4

Auditoriums—Oscar Arthur Guimarães pag. 6

O programa norte-americano — Mario Casa-
santa pag. 7

Os premios na escola — Manoel Casasanta
pag. 8

NOSSA EXPERIENCIA:

Monografias—O ensino dos super-normais —
Lygia Soares Coelho pag. 11

Trabalho de uma quinta-feira realizado a 25 de
agosto de 1932—Aurea do Azevedo pag. 17

TRADUÇÕES:

A educação das crianças retardadas—Cap. II
—Alice Descoeudres pag. 20

DAQUI E DALI:

Ncvos metodos de ensino—Paulo Fauconnet
pag. 25

Relatorio pag. 30

NOTICIARIO:

Bibliotecas, Museus e Arquivos Publicos
pag. 33

ADMINISTRAÇÃO DO ENSINO

Inspetoria Geral da Instrução—Avisos pag. 42



A GRANDE TAREFA

O professor dos grandes centros tem ótimos auxiliares nos agentes invisíveis que colaboram com êle suavizando-lhe os trabalhos, solicitando a atenção das crianças, completando e esclarecendo os conhecimentos que nem sempre a escola pôde dar.

As grandes cidades oferecem campo vasto para a expansão e enriquecimento da experiencia infantil, de fôrma que pôde desenvolver-se e orientar no sentido de obter da escola o maximo rendimento.

*

Não assim, nos centros rurais, onde o mestre nem sempre tem á mão fontes de informação para ministrar um ensino eficiente a seus alunos. Queixam-se êles, frequentemente, das faltas e lacunas de suas escolas, que dificultam o ensino e desanimam os alunos. Mas, convem notar, tambem, que os professores das escolas rurais têm um trabalho diferente a fazer e um ideal diverso a atingir. Embora numa escola pobre e humilde, o esforço do professor pôde colher os melhores frutos, com o desenvol-

vimento de um plano adequado, de acôrdo com os interesses dos alunos, bem diferentes dos das cidades.

*

A sua grande tarefa, na escola rural, está em extrair do meio ambiente tudo o que êle pôde dar em beneficio dos alunos. A absorvente preocupação do *abc* e das *quatro operações* prejudica a ação do mestre que não atenta suficientemente para os interesses dos alunos, para a sua vida, para os seus ideais que se acham na natureza, no cultivo da terra, na criação e mil afazeres da vida dos campos.

*

Os colaboradores do mestre são aí, como nas cidades, multiplos e variados. Falta, apenas, colocar o ensino em seu verdadeiro lugar, dentro de seu ambiente proprio e, portanto, de acôrdo com a vida das crianças.

A escola rural tem de examinar os problemas rurais, encaminhando os alunos para a perfeição dos metodos do cultivo da terra, para o conhecimento dos meios de criação e melhor uso dos instrumentos agricolas. Além disso, a higiene e a formação moral do individuo substituem um dos mais graves problemas não apenas dos sertões, mas das

proprias cidades. E nisto, como em tudo o mais, pôde o professor bem orientado dar magnifica contribuição para a grandeza do Brasil.

*

Convem, pois, um exame meticoloso sobre o assunto. Da ótima escola rural teremos, sem duvida, uma ótima geração, capaz de fazer a grandeza do sertão, tornando-o o fruto de trabalho e de saúde, e não, como até aqui, viveiro de impaludismo e de pauperamento.

NOTAS E COMENTARIOS

“Quanto” ensinar

Qual a extensão que devemos dar aos nossos programas escolares? Como dosar as lições para que as crianças aprendam?

Em primeiro lugar convém não nos preocuparmos muito com a execução integral dos programas, como êles têm sido compreendidos e praticados até aqui.

A escola, graças a essa preocupação absorvente do programa, tem impedido o apro-

veitamento integral, por parte dos alunos, de tudo quanto ela podia dar.

Em segundo lugar, o “quanto” ensinar varia segundo o interesse imediato das crianças, o seu estado afetivo, a sua capacidade e o seu desenvolvimento. Limitar a materia da pagina tal á pagina tal, seria uma medida para resolver a nossa questão. Mas essa medida não nos convém, agora, que uma lição pôde for-

necer estímulo e motivo para variadíssimas informações, pesquisas, trabalhos, realizações e outras atividades que só o ambiente escolar determinará exatamente.

Uma lição de geografia ou de historia pátria poderá ser desenvolvida através de um projeto durante meses a fio. A "quantidade", que irá sendo dosada pela prudência do mestre, será de pouca importância diante da "qualidade" do ensino. Si este não contribuir para o desenvolvimento global da criança, isto é, impelindo-o a um crescimen-

to progressivo e harmonico, de nada valerá.

*

Convirá meditar nos limites do "quantum", não nos esquecendo do que esse "quantum" representa na vida do aluno e qual a repercussão atual nas possibilidades e tendências infantis.

Estabelecido que o que mais importa á escola é habilitar a criança a agir familiarmente com os seus problemas, fica aí o assunto á meditação do professorado.

GUERINO CASASANTA.

II

Em torno da socialização

Entendida como integração da escola no conjunto social e preparação do aluno para a vida em sociedade, a socialização não parece coisa de fazer especie.

Nem de provocar barulho. O bom senso mesmo fala em favor dela. Parece-nos a todos que a escola deva formar homens cujos propósitos, ideais e hábitos, se harmonizem com os predominantes na coletividade em cujo seio deverão viver.

Mesmo quando determina da parte do grupo social discorda do que o todo admita como norma de vida, os mes-

tres do grupo dissidente, acintosa ou disfarçadamente, terão ainda a preocupação de preparar seus alunos para a vida em sociedade, embora seja naquela sociedade limitada em que se congregam.

Nem constitue propriamente uma novidade essa preocupação da escola. Sempre foi esse um dos seus objetivos. Força é reconhecer, porém, que ha realmente um certo modo de entender a socialização que não podemos admitir e devemos evitar.

E é esse modo de entender a socialização que infelizmente vem sendo generalizado

entre os professores brasileiros.

Dai, muito provavelmente, o receio despertado por esse aspecto da atividade escolar e a campanha movida, aqui e ali, contra elle.

Com effeito, essa socialização, sobre que tanto se extendem as obras que, em geral, nesta fase de renovação pedagogica, manuseamos no Brasil, prende-se ao naturalismo pedagogico, que Rousseau iniciou.

Ela é sintoma da preocupação sociologista que se seguiu á preocupação psicologista do seculo dezoito.

Revela uma quasi reação contra esta ultima, cujas figuras representativas encaravam a educação "como processo de desenvolvimento do individuo", consideravam as materias "através do estudo das atividades psicicas" e acentuavam a importancia do método". (1)

E' a palavra de ordem dos que, como diz Monroe, no livro já citado, "encaram a educação como processo de perpetuação e desenvolvimento da sociedade; consideram as materias "através do estudo da estrutura social, das atividades sociais, das necessidades sociais; estabelecem como fim da educação a preparação do individuo para a participação vitoriosa nas

atividades sociais, economicas e politicas de seus semelhantes".

E' a essa socialização que Pinkevich se refere quando afirma: "Digamos por ora que a base principal das instituições officias de educação publica deve ser sua proletarianização ou, por outras palavras, sua socialização". (2)

E é ainda tal conceito de socialização que o preocupa quando termina o cap. 1.º de seu livro, com este trecho, que merece não ser perdido de vista, apesar da ressalva feita á pag. 174, da mesma obra: — "Indubitavelmente, do nosso ponto de vista, o movimento social em educação é um progresso evidente em relação á velha pedagogia individual. Mas a pedagogia social, segundo a esboça Natortp, não pôde satisfazer-nos, porque Natortp, em que pése ao seu socialismo, não nos oferece em sua obra um sistema de educação socialista. Como outros muitos, fala da sociedade em geral, ao passo que para nós não ha sociedade unificada. Nós começaremos por perguntar: — Educação para que classe ?

Por conseguinte, para um marxista, a pedagogia social é apenas o primeiro passo importante, ao qual se ha de seguir uma verdadeira teoria proletaria ou socialista da educação".

(1) Monroe — A brief course in the history of education — Pg. 369.

(2) Pinkevich — La nueva educación en la Russia sovietica — Pg. 37.

Esse modo de compreender a socialização, fruto do naturalismo pedagógico, como dissemos, em que se aponta a sociedade como fim último do homem, é que tem sido mercedamente combatido por pensadores diversos entre nós. Mas a socialização, conside-

rada á luz da concepção aristotélica — tomista do universo, não deve inspirar receios aos professores. Não está na socialização mesma o perigo, mas na moldura filosófica, dentro da qual seja considerada.

MAURICIO MURGEL.

Auditoriums

As informações vindas de todos os pontos do Estado, dão notícias da realização frequente dos auditoriums. Parece que a instituição pegou e vai vingando em nossa escola.

Mas, não é apenas o fato da implantação dos auditoriums que merece registro. Pelo que se depreende das notícias acerca dessas realizações, os auditoriums vão tomando nova feição e apresentam característicos acentuadamente pedagógicos.

A forma comum de auditorium-festa, sempre aparatoso, do qual a criança não participava porque não alcançava a sua significação, vai cedendo lugar ao auditorium pedagógico, mais simples e mais modesto, porém ao alcance da criança. Neste a criança colabora ativamente e com interesse, intervém na sua organização, escolhe numeros para o programa, cuida do arranjo da sala, opina sobre

a ornamentação; redige programas, expede convites, aprecia e julga os ensaios. A próxima realização do auditorium constitue motivo para comentarios e palestras animadas.

Enquanto os alunos vivem essa animação, entregam-se a esse interesse real, os professores tiram da situação o melhor partido possível: distribuem ás crianças tarefas varias, submetem-lhes á apreciação e ao julgamento os numeros a exhibir; pedem-lhes anuncios, cartas, ilustrações, enfeites, tarefas que elas executam, contentes, com capricho e a contento.

Assim, o auditorium vai já sendo entendido como deve ser: um trabalho de classe, parte integrante do programa e do horario escolar, meio eficiente de educação, ensaio de vida real dentro da escola.

Assim entendido e organizado, o auditorium oferece margem para o exercício da

atividade das crianças; prova as suas capacidades de iniciativa e de julgamento; motiva as realizações que levam ao desenvolvimento intelectual; dá oportunidades de vida e trato social; em resumo, recreia, instrue, educa.

O ambiente escolar se transforma, faz-se ridente e agradável, desejado das crianças; a tarefa do professor alivia-se dos cuidados com a ordem e a disciplina, as preocupações com a frequência.

E, porque não dizer tambem: as audições se tornam mais leves, mais interessantes.

O programa norte-americano

Uma analyse, ainda perfunctoria, do programa primario norte-americano dá-nos excelentes lições do que é e do que deve ser o programa primario.

Mais ainda: explica-nos bem como os professores e estadistas norte-americanos vêm encarando o assunto e a que criterios têm obedecido, para o resolver.

De começo, não consignam nem mesmo as materias fundamentais, aquelas que, por consenso unanime dos teóricos e por pratica universal, se encontram em todos os programas: lér, escrever e

A simples enumeração destes beneficios e vantagens fala de maneira expressiva em favor dos auditoriums sob a nova fórma, na significação verdadeira que se lhe quer dar.

E se a constatação é que os auditoriums, mercê de Deus, caminham para integrar-se na sua verdadeira finalidade, não ha como louvar e aplaudir aquêles que, numa compreensão nitida de seus deveres e manifesta capacidade de entendimento encaminham a instituição para os seus elevados fins.

OSCAR ARTHUR GUIMARÃES.

contar. Nem isso. Os historiadores da educação americana assinalam, para 1650, leitura e religião, e, para 1700, leitura, escrita e religião. Só em 1750, é que aparece a aritmetica: leitura, soletração, escrita, religião, aritmetica.

Quer dizer: apenas há 200 anos, mais ou menos, é que as materias fundamentais, a que os norte-americanos chamam The Three R'S, encontraram guarida no programa primario.

Outras materias vieram aparecendo, posteriormente,

por motivos facéis de explicar.

E' assim que, em 1800, aparece a geografia, e explicam o seu aparecimento como consequência obrigada da implantação das idéas democraticas: a geografia tira os homens dos limites da aldeia e abre-lhes perspectivas maiores, dando-lhes noção do Estado e patria, como uma unidade que tem de coexistir com outras unidades. Só em 1850 é que surge a historia nacional e só em 1900 é que os programas consignam as ciencias naturais e desenho.

Hoje o programa é mais rico e mais complexo. A lingua, a historia universal e nacional, a saúde (e todas as materias e atividades correlatas, como a hygiene, a ginnastica, os jogos), a musica, as ciencias naturais, inclusive agricultura, as artes do-

mesticas, o desenho, tudo, afinal, que contribua para a formação do homem moderno — encontra largo espaço nas escolas norte-americanas.

As lições que queria tirar são estas: em primeiro lugar, eles nos dão a sensação de que começaram do começo e foram desenvolvendo, naturalmente, os seus esforços, sem saltos nem vertigens; em segundo lugar, deram a primazia ás materias fundamentais, o que se pode melhor provar, com a consideração do numero de horas que lhes consagram, em seu horario; em terceiro lugar, revelam bem o conhecimento, que têm, das necessidades reais do povo e do meio e pretendem dar-lhes satisfação, preparando os alunos para arrostá-las e resolvê-las.

MARIO CASASANTA.

Os premios na escola

A leitura dos programas das festas escolares que, consoante a praxe, se realizam em todos os dezembros, dá a certeza de que, entre nós, ainda não se cuidou a serio de um problema pedagogico de indiscutível relevancia.

Quero referir-me á distribuição dos premios aos alunos que se distinguiram pela

aplicação, assiduidade ou comportamento. O problema parece destituído de significação. Entretanto, merece uma analyse mais ponderada, dadas as consequencias que acarreta, e a influencia que exerce na formação da personalidade.

Já se tem dito eredito que a escola actual se propõe o

desenvolvimento fisico, moral, social e intelectual da criança. Melhor direi: a escola visa educar e não apenas instruir. Isto posto, duas conclusões se impõem: a) — instruir não é a finalidade principal da escola, mas uma de suas finalidades; b) — a escola, que é a propria vida, objectiva munir a criança de técnicas que lhe assegurem perfeita adaptação ao meio em que, de futuro, exercitará sua atividade. Ora, na vida social, não consta a instituição de premios aos que, por exemplo, se distingam pelo comportamento, a menos que se incluam na categoria das recompensas os atestados de boa conduta... Ademais, qual o premio que a sociedade reserva aos individuos que têm talento? As melhores posições? Nem sempre. Ain-

da, nesta hipotese, se um individuo tem talento e a sociedade lhe reserva uma boa situação, tal individuo não recebeu premio algum. Que-rem-se homens para os cargos e não cargos para os homens.

Como pois, explicar, justificar e aplaudir a instituição dos premios na escola? E' o mesmo que elogiar um funcionario porque cumpriu o seu dever ou promover um militar porque não recuou diante do inimigo. Fica-se a pensar que os funcionarios são desiduosos em sua maioria, ou que os militares, em regra, batem em retirada. Nada mais absurdo.

Que dizer e que dizem de si os alunos que não fizeram jús aos premios?

MANOEL CASASANTA.

Os programas

Um dos problemas mais serios para uma democracia é a escola primaria, porque só esta é que prepara o material humano indispensavel para o jogo da vida publica. E, na escola publica, um dos problemas mais serios é o programa, porque é através dele que se podem dar aos homens o minimo de condições essenciais para agirem bem na vi-

da, como individuos e como cidadãos.

Entretanto, — que cuidado têm merecido os programas, entre nós? Os programas, quer do ensino primario, quer do ensino secundario, quer do ensino superior, não passam, as mais das vezes, de copias de indices dos tratados, sem nenhuma atenção ás

REVISTA DO ENSINO

REDAÇÃO:

Diretor: Inspetor Geral da Instrução.
Redatores: Membros do Corpo Técnico da Secretaria da Educação.

EXPEDIENTE:

A "Revista do Ensino" publica-se quinzenalmente.

ASSIGNATURAS:

Anual	20\$000.
Semestral	10\$000.
Numero avulso	1\$000

Toda correspondência destinada à "Revista do Ensino" deve ser enviada à sua redação

Inspetoria Geral da Instrução
Secretaria da Educação
Belo-Horizonte

necessidades do meio e aos objetivos da escola.

Daí, esses longos e largos programas, ordinariamente inexequíveis, em que ao lado de coisas substanciais se toparam coisas accessorias e de minima valia, e, o que é mais, ao lado dessas coisas secundarias, que mereceram as atenções, muitas vezes não se encontram as essenciais, que deveriam merecê-la.

Um estudo, mesmo superficial dos programas, á luz de alguns criterios, seria não por si sufficiente para afastar deles uma serie de topicos, por inadequados. Coloque-se, entre esses criterios, o conhecido conceito da educação como desenvolvimento fisico, intelectual, moral e social dos

alunos; pergunte-se acerca de cada topico — se éle desenvolve fisica, intelectual, moral e socialmente esses alunos — e ver-se-á que nem todos poderão permanecer.

Um exemplo: o maximo divisor comum, que por muito tempo fez parte de nossos programas primarios. Como e porque desenvolve os alunos?

Fisicamente? E' um tormento.

Intelectualmente? Nada vale, porque, embora servisse de ginastica mental, e isso é contestavel, não tem applicação na vida pratica e é, por isso, esquecido imediatamente. Há homens que morrem de 90 anos e a quem, através de uma vida agitada, nunca se lhes deparou ensino de procurarem o maximo divisor comum de um numero.

Moralmente? Socialmente? Tanto menos.

Os elaboradores do programa primario mineiro tiraram dele o maximo divisor comum, talvez por outros motivos ainda.

Pois bem: adote-se um criterio, considere-se o programa á luz desse criterio e ver-se-á que, dentro em breve, éle se reduzirá de tamanho, porque dele sairá, na primeira peneiração, um punhado de bagatelas, cujo officio tem consistido apenas em atormentar as crianças.

MARIO CASASANTA

NOSSA EXPERIENCIA

MONOGRAFIAS

O decreto n. 10.362, do ano findo, que modificou varios dispositivos da reforma do ensino, exige para a conclusão do curso normal a apresentação de monografias sobre assunto concernente á cadeira de metodologia, sendo o mesmo escolhido pelo aluno e submetido á apreciação do respectivo professor.

As monografias são julgadas por uma comissão composta de quatro membros, á qual compete arguir os alunos sobre os trabalhos apresentados.

As normalistas, ultimamente diplomadas pela Escola Normal da Capital, sobressaíram na confecção de suas monografias, algumas das quais resolvemos publicar, começando neste numero pelo trabalho da senhorinha Lygia Soares Coelho, aluna que obteve o primeiro lugar, entre as 103 normalistas da turma, pelas suas médias finais, e pelas notas distintas alcançadas em todas as cadeiras do Curso de Applicação.

O ENSINO DOS SUPERNORMAIS

O problema, tanto psicologico como pedagogico dos supernormais, só mereceu especial cuidado por parte de mestres e psico-

logos, quando, pouco antes da guerra, se implantou definitivamente, e com grande exito, o dos sub-normais.

Começou em França a separação dos anormais, pois, como reclamavam muitos mestres e psicólogos, a presença, em classes comuns, de crianças sub-normais prejudicava sobremaneira o ensino das outras crianças.

Quando, em 1863, e nos anos que se seguiram, foi verificado que as crianças retardadas, por um ensino especial, de accordo com o seu desenvolvimento e aptidões, poderiam, no fim de certo tempo, produzir tanto ou quasi tanto quanto os normais, surgiu a nova questão: "porque não beneficiar, tambem por meio de metodos adequados e material de accordo, aqueles que, pela sua brilhante intelligencia, se afastam da média e a passam, isto é, "os supernormais"?

Ainda mais, si a verificação de que uma criança ou um grupo de crianças retardadas, colocadas em classes comuns, causam perturbacões nas mesmas, sem beneficios para aquelas que não podem acompanhar o ensino por causa da sua inferioridade de intelligencia e com prejuizo ainda para os outros, que têm que atenuar seu andamento nos estudos, contribuir para que se formassem classes especiais para os retardados, mais razão ainda havia para que se fundassem classes tambem especiais para os supernormais, os quais, em classes comuns, se vêm sem estimulo, pois o ensino se torna demasiado facil, relativamente ao seu grau de intelligencia.

As primeiras classes para super-normais surgiram, em 1901, nos Estados Unidos.

Na Alemanha, em 1905, Petzold e outros psicólogos e pedagogos, entre os quais Stern, reclamavam classes especiais para os superdotados; em 1917, depois da guerra, Berlim inaugurou escolas para tais crianças. Em 1918, Hamburgo iniciou a Capital, abrindo uma escola para 900 crianças escolhidas, entre as de inteligência superior, entre as 20.000 saídas do quarto ano primário, escolheu esta que se fez, não por processos dependentes da simples observação exterior, mas por meio de "tests" apropriados e completados pela observação dos professores.

Ainda em 1918, foram criadas, na Bélgica, escolas e instituições para a protecção nos superdotados, do mesmo modo que em Ginebra. A seguir, foram fundadas classes e escolas especiais em diversos países, sendo que, no Brasil, as primeiras, em São Paulo.

Como notar, porém, a presença de crianças superiormente dotadas, numa classe qualquer ou mesmo em um grupo de meninos?

Não é muito raro encontrarem-se, numa classe, crianças que se salientam pela rapidez de operações mentais, ou por uma tendência muito acentuada para essa ou aquela arte, para essa ou aquela matéria. Tais crianças eram consideradas muitas vezes como casos patológicos ou como entes sobrenaturais. Eram consideradas ainda como indivíduos fracos, cujos cérebros não poderiam suportar tão grande organização mental, tão grande trabalho intelectual.

Entretanto, isso não se dá, e os alunos que, na escola primária, revelam inteligência superior ou profunda sensibilidade artística, devem ser cuidadosamente ensinados, pois, além de apresentarem ótimas disposições para o trabalho, quer físico, quer mental, representam papel importantíssi-

mo para o futuro de uma nação. Convenientemente educadas, serão essas inteligências os futuros chefes das nações, os futuros inventores, os futuros talentos; abandonadas a si próprias ou recebendo ensino em desacordo com o seu desenvolvimento e com as suas aptidões, seria de lastimarmos para a nação, a qual ficaria privada dos diretores cientes da opinião pública.

Vários são os caracteres que nos permitem distinguir os super-normais:

Físicos: em geral são crianças de maior estatura e maior peso do que as normais. Apresentam, o mais das vezes, cabeça maior e mais comprida do que as outras crianças da mesma idade, raça e sexo. Isso naturalmente porque existe uma certa relação entre o volume da cabeça e sua conformação e a inteligência do indivíduo; não raro se observa que crânios muito pequenos pertencem a indivíduos de pouca mentalidade, enquanto que, o mais das vezes, as pessoas talentosas são portadoras de crânios mais desenvolvidos.

O coeficiente de robustez dos superdotados é, em geral, superior ao das crianças comuns, visto ser o seu peso maior, com relação à altura, naqueles do que nestas.

A força muscular é igual ou superior à das crianças de inteligência normal.

Afim de combater a opinião de que os superdotados são indivíduos de fragilidade orgânica e instabilidade nervosa, Terman fez exames entre 250.000 escolares e por eles verificou que os super-normais estavam acima da média com relação à saúde e que, além disso, são menos frequentemente classificados como nervosos, que os normais.

Esses caracteres físicos não servem, porém, para indicar a superioridade de um indivíduo sobre outro, quanto à inteligência.

As diferenças maiores são relativas ao grau de mentalidade, muito superior nos indivíduos superdotados a dos de inteligência comum. Convém notar, entretanto, que essas diferenças não são absolutamente quanto à constituição do cérebro e, sim, quanto ao seu grau de elevação.

Podemos notar os seguintes caracteres intelectuais nas crianças superdotadas:

Revelam grande capacidade de compreensão abstrata, maior rapidez de operações mentais.

Facilmente percebem seus erros, corrigindo-os por si próprios.

Têm, desenvolvíssima, a capacidade de raciocínio, o que pôde facilmente ser observado na solução de problemas.

Revelam, em geral, grande aptidão creadora, a qual, inteligentemente dirigida, será a base de novas descobertas úteis à humanidade.

Outro carácter importante é a facilidade com que as crianças super-normais aprendem a ler e escrever. Esse aprendizado é felizardo, muitas vezes, sem auxílio extranho e, além disso, fora do comum, relativamente à idade em que se faz. É importantíssimo notar que a simples leitura corrente não indica superioridade intelectual. É necessário que, ao mesmo tempo que leiam correntemente, saibam interpretar o que foi lido. É preciso que se reconheçam as duas partes da leitura — mecânica e interpretação — para se dizer que o indivíduo sabe ler, pois de nada vale a leitura corrente, porém não compreendida; é o que acontece muitas vezes, julgando-se super-normais o aluno que, na verdade, não adquiriu todos os bons hábitos relativos à leitura e sim uma parte deles — os referentes à mecânica.

Nos verdadeiros super-normais, todas as dificuldades são vencidas, e todos os bons hábitos ad-

quiridos com maravilhosa rapidez, o mesmo se observando quanto ao aprendizado da escrita.

Emquanto os alunos médios ou normais procuram e se interessam mais pelos exercícios físicos, os superdotados, pelo contrario, preferem os de maior esforço intelectual.

Caracteres morais e sociais: Observações constantes, feitas por diversos psicólogos, vêm nos provar que a inferioridade moral é mais frequentemente encontrada entre indivíduos mentalmente inferiores e que entre os super-normais predomina geralmente a moralidade superior. Existem, entretanto, casos contrários, isto é, casos de ladrões e assassinos muito inteligentes, mas isso naturalmente devido à falta total ou à insuficiência da educação de tais indivíduos.

Nas classes comuns, pois ainda não existem, em toda parte, escolas para superdotados, podemos observar que, em geral, essas crianças se distinguem das demais pela disciplina e honestidade e ainda pela sua aplicação e adiantamento.

Quanto às relações sociais, os super-normais estabelecem-nas com prazer, tomando parte nas atividades culturais e sociais: relacionam-se com colegas do mesmo grau intelectual e só se afastam quando, de todo, não os encontram. Aliás, esse fato pôde ser observado não só entre os superdotados, mas entre todos os indivíduos: cada pessoa procura sempre juntar-se a aqueles do seu próprio nível, sendo esta uma das enormes vantagens da homogeneização das classes — cada aluno encontrará em seus colegas, crianças de semelhante desenvolvimento, e assim, tornar-se-ão muito mais frequentes as relações entre os mesmos.

Conhecidos os caracteres dos superdotados e o papel que estes representam para o futuro de

uma nação, é fácil reconhecer as vantagens que traria para a sociedade, da qual fazem parte, o aproveitamento de todos os valores que possuem esses indivíduos. Para que nenhum deles seja desperdiçado ou mal aproveitado, necessário se torna que o seu trabalho seja eficiente. Mas, para que o trabalho escolar seja produtivo, para que a criança se desenvolva sob os quatro pontos de vista exigidos pela educação moderna — físico, intelectual, social e moral — é necessário que a mesma esteja em condições de receptividade da assistência médica, inteligente e operosa, a tais crianças, tornando-as aptas a trabalhar. Trata-se de defender os superdotados, como o fazíamos com outras crianças, contra as doenças que possam prejudicar o trabalho escolar, como sejam: perturbações da afetividade e do caráter, que possam modificar o funcionamento do mecanismo intelectual; certas afecções orgânicas podem também prejudicar o trabalho mental dos supernormais, como: as doenças das vias respiratórias — a hipertrofia da amígdala faríngea, a que ocasiona uma redução na acuidade de certos sentidos, tais como a vista e o ouvido, bem como outras doenças referentes a esse aparelho. Em consequência dessa diminuição, há também a redução do campo de operações mentais do indivíduo, por causa do menor número de relações deste com o mundo que o cerca.

Existem ainda outras molestias, com certas verminoses, que, em numero muito elevado, perturbam a produção intelectual, tornando o aluno incapaz de aproveitar eficientemente o ensino, correndo, além disso, o risco de ser tomado por não inteligente. Ora, tal aluno, cuidadosamente tratado, poderia revelar qual o grau de sua inteligência e evitar-se-ia, talvez, a perda, para a socie-

de, de um futuro condutor de homens.

Não são essas, porém, as únicas molestias que devem ser reconhecidas e, si possível, evitadas; também as molestias produzidas pelo má ambiente escolar: os defeitos físicos produzidos pelo material impróprio para a criança, os defeitos da vista, causados, mais frequentemente, pela má iluminação, etc.

Daqui a necessidade, e não só para os superdotados, da colaboração entre o medico, o psicólogo e o pedagogo, agindo estes de maneira a colocar o aluno nas melhores condições possíveis para o aproveitamento do ensino e de maneira tal que ele produza o maximo que pôde dar.

Para que sejam, constantemente, feitas comparações e verificações a respeito do estado de saúde da criança, organizam-se fichas medicas contendo: os indices antropometricos do escolar, exame dos órgãos dos sentidos, das articulações, principais sistemas e aparelhos do corpo humano, exame da intelligencia e do caráter.

Organizadas essas fichas, poder-se-ão fazer comparações e verificações a respeito do crescimento da criança, si está se fazendo de maneira normal — e poder-se-á dar todo o ensino de acordo com o estado de desenvolvimento da mesma; assim, nas épocas em que for lento o desenvolvimento mental, o ensino deve ser dosado de tal maneira, que não fature a criança e não se exija dela mais do que possa produzir.

Já disse que seria de grande vantagem o aproveitamento integral de todos os valores que os superdotados possuem. Qual, porém, o meio mais eficaz para se conseguir esse aproveitamento?

— Será de mais vantagem, tanto para as crianças supernormais, como para a sociedade a que pertencem, a homogeneiza-

ção das classes de ensino. Esse processo não só facilita ao professor a sua tarefa, como ainda permite ao aluno o melhor aproveitamento nos estudos. Facilita o trabalho do professor, porque lhe torna mais facil a applicação dos metodos. Tem ainda, além de outras de menor importancia, a grande vantagem de favorecer a sociabilidade na classe, pois torna os alunos mais unidos; sabe-se que, onde ha grandes desigualdades quanto aos graus de intelligencia e quanto ao adiantamento dos individuos — e é este o caso dos supernormais collocados em classes comuns — ha a natural separação daquêles em grupos: cada criança, assim como cada adulto, procura suas relações entre pessoas de seu proprio nivel.

Varios são os processos para a seleção dos alunos e organização dos mesmos em grupos o mais possível homogeneos.

Entre elles temos: o processo da idade cronologica, processo esse multissimo falho, principalmente quando lidamos com crianças supernormais, pois estas apresentarão idade mental muito superior à cronologica e si, collocadas juntamente com alunos da sua idade real, acharão naturalmente o ensino demasiado facil para as suas capacidades. Outro processo é o do grau de adiantamento dos alunos: este costuma também falhar, como acontece com alunos repetentes: podem estes mostrar conhecimentos iguais aos dos colegas, mas, na verdade, adquiridos não durante o mesmo tempo e a custa dos mesmos esforços.

Outras vezes, faz-se somente pela applicação de "tests", a qual pôde falhar: conforme as condições físicas ou mentais do aluno no dia da sua applicação, pôde ser o resultado não satisfatorio e, em muitos casos, contrario à observação.

Para que seja bem feita a homogeneização, é necessario atender à idade mental, relativamente à cronologica, ás aptidões dos alunos, juntando-se a essas condições as observações do professor. Determina-se a idade mental de um aluno, relativamente à sua idade cronologica, pela applicação de "tests" apropriados para esse fim, como sejam os "tests" para avaliação global do desenvolvimento da intelligencia.

A 1.ª escala para esse fim foi organizada por Alfred Binet, em 1905, para a separação de crianças anormais, em França; hoje, porém, a sua applicação é no mais ampla, havendo, além dos "tests" para determinação do grau de intelligencia, outros para determinação de aptidões especiais, etc.

Essas determinações, por meio de provas organizadas de acordo, têm um alcance enorme, sendo um elemento de grande valia na pratica pedagogica, pois permitem a organização de classes, o mais possível homogeneas, nas quais o rendimento do trabalho escolar é muito melhor e mais facilmente assegurado.

Esse processo de "tests" tem grandes vantagens, porque a simples observação do professor pôde falhar: não são raros os casos em que se consideram alunos de grande intelligencia, por um successo na classe; no entanto, esses alunos, si for frequente a observação, não ardarão a revelar a sua mediocridade. Da mesma forma, encontramos outros que não mostram boa vontade para os estudos, parecem não progredir, etc.; si formos observar, veremos que muitos desses alunos não sendo prediçados, que não acham atralhos nos estudos, porque o ensino é facil de mais para o seu alto grau de intelligencia; para esses, a mudança de classes ou mesmo de metodos e materiais didaticos, será de enorme vantagem.

pois poderão, então, revelar a sua grande aptidão para os trabalhos intelectuais.

A aplicação dos "tests" exige, porém, a observação de certas condições, fora das quais não poderá ser assegurado o êxito do processo. Essas condições são: evitar a influência de estranhos; evitar os efeitos produzidos pelo ambiente físico, como sejam: a temperatura, a pressão atmosférica, a umidade, a iluminação; evitar a influência social, isto é, a emulação, o constrangimento, a simpatia, a hostilidade; verificar o estado de saúde dos alunos e a sua atitude mental.

Certos fatores concorrem ainda para o êxito do processo, como sejam: a hora em que se aplicam os "tests", o numero de alunos testados de uma vez, o qual não deve exceder de 50, e o tempo de duração das provas. Esse tempo precisa de ser perfeitamente de acôrdo com a idade cronologica do individuo.

Segundo Terman, deve ser o seguinte:

Para crianças de 3 a 5 anos, de 25 a 30 minutos.

Para crianças de 6 a 8 anos, de 30 a 40 minutos.

Para crianças de 9 a 12 anos, de 40 a 50 minutos.

Para crianças de 13 a 15 anos, de 50 a 60 minutos.

Para adultos, de 60 a 90 minutos.

Como se vê, as condições são muitas e algumas das causas de erros podem ser evitadas, quando pôde o proprio professor fazer a applicação dos "tests"; nesse caso, os alunos não sentirão emoção alguma, evita-se a influencia social e as crianças não percebem que estão sendo examinadas.

Depois da applicação de certa escala — a de Terman — foi estabelecida, por analogia com a

idade cronologica, a idade mental, com o fim de se determinar o grau de desenvolvimento intelectual de uma pessoa.

A relação entre as duas idades da o que foi chamado "quociente intelectual". Conforme seja a idade mental, superior, igual ou inferior à cronologica, teremos a intelligencia supernormal, normal ou anormal.

A idéa do "quociente intelectual" partiu de Terman, que adotou o seguinte processo para determiná-lo: Cada "test" da sua escala, satisfatoriamente respondido, corresponde a 2 meses de idade. Somados os meses correspondentes a todas as respostas certas dadas pela criança, obtem-se um certo numero de anos, o qual representará a idade mental do individuo testado. Dividindo-se, depois de previamente reduzidas a meses, a idade mental pela cronologica, obtemos o quociente intelectual; a divisão deverá sempre ser levada até centesimos, omitindo-se, no resultado, a virgula.

Terman, continuando suas experiências, pôde determinar a seguinte tabela para os Q. Q. I. I. (Quocientes Intelectuais):

Acima de 140 — genio.
Entre 120 e 140 — int. muito superior.
Entre 110 e 120 — int. superior.
Entre 90 e 110 — int. média ou normal.
Entre 80 e 90 — int. rúde.
Entre 70 e 80 — int. limitrofe da deficiência.

Abaixo de 70 — debilidade mental, podendo ser subdividida ainda em:

LYGIA SOARES COELHO.

(Continúa)

Trabalho de uma quinta-feira realizado a 25 de Agosto de 1932

Publicando o trabalho que se segue, apresentado em reunião de quinta-feira, no Grupo Escolar de Ubá, pela professora de uma das classes de primeiro ano, dona Aurea de Azevedo, é intuito principal da *Revista do Ensino* tornar conhecida mais uma experiencia que as nossas professoras vão ganhando com os processos da Escola Ativa, e a sua affirmação de êxito e de satisfação diante dos novos processos de ensino.

No presente trabalho, embora em ligeiros pontos relativos à metodologia da Língua Patria, não possamos concordar inteiramente com o método da professora, que se preocupa de início, mais com a fixação de formas do que com a formação de hábitos de leitura, queremos destacar de maneira especial o conjunto de valores que caracterizam um bom professor, e que, de diversas maneiras, se revelam neste trabalho.

Cumpre igualmente ressaltar, com especial satisfação, a naturalidade, a simplicidade e a riqueza dos motivos reais que serviram de base ás composições das crianças, e que, além disto, revelam, no cunho inteiramente infantil, o seu mais apreciavel valor.

Reconheço perfeitamente que é grande a minha ignorancia, e muito longe estou de pensar, de supôr por um instante, siquer, que as minhas aulas resumam em si um trabalho perfeito, ou cousa apresentavel.

Lutei com a Ruth, nossa m. d. professora técnica, para que ela desistisse do encargo que me conferiu, porém ela fez coração duro e não me atendeu.

Ruth, a quem todas somos obrigadas a admirar — pelo trabalho tão inteligentemente dirigido no nosso Grupo, será que não vê que sou incompetente e que, além de nada saber, dotou-me Deus de timidez ao extremo, para ter o-agem de demonstrar o método de ensino que tenho seguido, desde o principio do ano?

No entanto, quero sinceramente atender à ordem superior, quero ser simples; pois bem sei que cada um é obrigado a fazer apenas o que está ao seu alcance.

Bom, minhas colegas, permitam-me que eu trate neste instante do assunto para terminar este dever, que tanto me impressiona. As minhas primeiras aulas eram de assuntos tão leves, que, para bem qualificá-las, devo dizer que as pequenas talvez as tomassem mais como brincadeira do que como outra cousa.

Ao receber a minha classe, interessei-me profundamente em conhecer as alminhas cheias de encanto de minhas pequenas alunas.

Mesmo no fisico, algumas agradavam bem aos meus olhos. Oh! brincar é a cousa mais deliciosa do mundo!... Como a escola moderna não nos proíbe isto, como ficava contente vendo que as minhas alunzinhas se davam bem com o meu genio, como desde os primeiros dias me conquistaram o coração, inteiramente!

Suponho que as minhas colegas não se admirarão disto... A não ser a natureza que nos deslumbra os olhos com os seus encantos mil, o que nos poderá encantar mais na vida do que a criança?!
2

Parece-me que aí já vai uma parcela do que ocorre em minha classe; as minhas colegas certamente já percebem que amo de véras as minhas aulinhas, e que elas também parecem retribuir-me, ou melhor, retribuem-me este sentimento. Na alma da criança não pôde alojar-se o fingimento, esta coisa feia e haixa, mas que infelizmente somos obrigadas a confessar que encontramos algumas vezes no mundo.

O meu método de ensino é correlacionado. Geralmente a primeira matéria ensinada relaciona-se com todas as outras.

Verifiquem a vontade minhas primeiras aulas: — Vou transcrever a primeira após o período preparatório:

Percebia perfeitamente o quanto Isabel (aluna da classe) era admirada pelos companheiros. Havia na classe até este pensamento a respeito dela: Isabel parece uma boneca. Pus Isabel em cima do banco da carteira, pois ela era muito pequenina no princípio do ano, e pedi à classe que observasse Isabel, porque iam escrever no quadro tudo o que se pudesse observar a respeito dela. Obtive como respostas às minhas perguntas: "Isabel tem os olhos azues. Isabel tem os cabelos louros. Isabel está na primeira carteira. A primeira carteira é de Isabel". Com estas sentenças, formadas pelos próprios alunos, compus uma historieta, a primeira que ensinei em minha classe: Isabel tem os olhos azues. Isabel tem os cabelos louros. Isabel está na primeira carteira. A primeira carteira é de Isabel.

Nos dois primeiros dias apresentei a historieta no quadro-negro (letra de imprensa).

Depois, esta mesma historieta, apresentei-a numa folha de cartolina azul (não encontrei branca) à classe, e pedi a Isabel que lêsse. Ela parece-me que, a seguir, leu direitinho, porém logo depois vi que ela não tinha fixa-

do as palavras e apenas o sentimento. Ely aproveitou mais do que Isabel da primeira lição, pois fixou algumas palavras. (Aqui podemos notar como influe a diferença do esforço da aluna, o auxílio da família na escola, etc.). Isabel hoje sabe ler, como regularmente, compõe historiazinhas, porém Isabel só falta à aula muito raramente e por justos motivos. Vejo que seus pais cooperam no meu trabalho, dando-lhe o que necessita na aula. No entanto, pertence a uma família pobre. Si por acaso censuro qualquer defeitinho, não vão contra isto.

Página arrancada de um caderninho de Isabel e apresentada no trabalho de quinta-feira, de 25-8-932:

"Historia — O papai falou com a mamãe. Fala com d. Aurea para ela puchar a orelha da Isabel quando chegar tarde na aula. — Isabel".

Ely, por mais que lutei no princípio para a sua frequência, não consegui isto, e assim é que empinto suas companheiras, de inteligência igual à sua, lêm, somam, escrevem direitinho, compõem historietas, que em si não têm nenhum valor, mas, já é um princípio de exercício de redação, ela quasi nada sabe. Estas historiazinhas têm sido de grande utilidade em minha classe, e devo isto à Ruth, a cuja intelligente direção temos a felicidade de estar confiadas. Ela viu minhas pequenas formando sentenças, viu-me ditar para elas e disse-me que lhes mandasse escrever uma historia.

Como acho esplendido obedecer, mandei logo no dia a seguir, embora achasse que as crianças eram incapazes de satisfazer ao desejo de Ruth. A princípio tinham dificuldade imensa neste exercício; algumas vezes este trabalho consistia, apenas, em exercícios orais. Depois destes, que faziam com o meu auxilio, era outra luta para escreverem. En-

sinava quasi todas as palavras da historia. Hoje gostam muito e já fazem como dever de casa, do qual ouvem diariamente a correção. Os erros da historieta são corrigidos pela própria autora, pois basta que eu leia errado como a pequena escreveu e logo dá com o erro e o corrige.

Têm as minhas colegas, aqui, se querem ver, as historiazinhas e outras composições:

Tirado do nosso jornalzinho:

O que vai pela nossa classe.

Nós arranjamos um jornalzinho.

O nome dêle é o "Espelho". Cada uma menina de nossa classe arranjou um nome para o nosso jornalzinho. O nome foi escolhido por nós. Eu falei, o coração da criança. A Elsa queria que fosse só, o coração. Isabel disse: O Espelho. A Conceição Cancela pensou este nome: O Brinquedo. O nome escolhido foi o Espelho.

— *Hilda Magalhães*.
Historia. — Dia 13, á noite, eu fui com o papai á fazenda do doutor Levindo. Foi dia do seu aniversario. Lá havia muitas pessoas e duas bandas de musica. Voltamos ás 11 horas da noite. Fui chegando e dormindo logo, porque vim cansada. — *Isabel J. Soares*.

Historia. — Uma galinha lá de casa estava choca. Um dia o Flavio foi puchar o rabo da galinha e a galinha deu um bicada nêle e êle saiu chorando e a mamãe ainda deu uns pitos nêle. — *Elsa*.

Historia:

Vejo aqui neste retrato uma menina de fita branca na cabeça, e um vestido branco. Ela é boiinha como uma boneca. O sapatinho dela é preto. A sua mãe é branca. Ela é capaz de ter um ano. — *Conceição Cancela*.

—
Posso afirmar ás minhas colegas que a aula mais querida pela minha classe é a de leitura.

Pediam para deixá-las tirar a cartolina do armario, quando entravam e gostavam de véras da leitura; prestavam tanta atenção ás minhas palavras, no mesmo interesse com que ouvimos uma explicação da materia, que mais queremos aprender.

Como continuação do dia de minha primeira aula, temos:

Aritmética — Mandei os pequenos contar as carteiras, os alunos, etc. Até 5, 7, geralmente sabiam. Newton e alguns companheirinhos não sabiam contar. Pus Isabel em pé sobre o banco da carteira e, pela sua mãozinha, ia contando o grupo mais atrasado, com o auxilio de Isabel, de uma outra pequena, ou então o meu. Ao passo que contavam eu escondia em minha mão os dedinhos de Isabel.

Escrita — Isabel, Hilda e Elias revelaram muito jeito para a escrita. A lição de leitura foi copiada pela classe. Devo dizer que, geralmente, nada escreveram.

Desenho — Apresentei à classe uma figurinha graciosa, pregada num cartaz. Esta tem toda a aparência de Isabel, mas uma Isabel bem mais feinha.

A figura agradou-lhes, e rindo, cada qual queria fazer melhor retrato da companheirinha.

Religião — Aos meus pequenos disse que Nosso Senhor gosta muito de Isabel, porque ela é boa menina. Disse a Isabel que ela deve ser dia a dia mais boazinha, mas com o fim unico de agradar a Nosso Senhor. Ensinei-lhe a oferecer todas as manhãs os seus trabalhos a Nosso Senhor, recomendando a toda a classe que isto fizessem, ao levantar.

Continuando a dizer coisas semelhantes, estimulei aos pequeninos para serem bons, muito bons, para viverem todos encerrados no Coração de Jesus.

Ubá, 17 de outubro de 1932.

— *Aurea de Azevedo*.

TRADUÇÕES

A educação das crianças retardadas

por ALICE DESCOEUDRES

CAPITULO II

Organização

A — Organização. B — Sistemas escolares: 1) Internatos: sua reforma; 2) Externatos: a) classes especiais; b) escolas autônomas; 3) classes para duros de ouvido; 4) crianças estropiadas. C — Preparação dos mestres especiais. D — Obras extra-escolares. Proteção aos retardados na sua saída da escola. E — Rendimento social.

A — Organização

Uma vez determinadas as crianças pelo triplice exame que precede, como classificá-las, como organizar o ensino especial? Nesse trabalho tão delicado, tão difícil por causa da infinita variedade dos candidatos, dos graus tão diversos das suas taras, o melhor sistema a que se chegou até hoje parece ter sido realizado pelo dr. Sckinger, de Mannheim, com sua organização chamada "Förderklassen".

O dr. Sckinger partiu desta comprovação de que, entre as crianças da mesma idade, se encontram:

- 1) crianças bem dotadas trabalhando facilmente;
- 2) retardados que, em consequência de molestias ou acidentes diversos, chegam ao momento de ganhar a sua vida com uma preparação insuficiente;
- 3) crianças que passam seus oito anos de escolaridade no grau inferior.

A esses graus cumpre que correspondam tres espécies de classes: (Hauptklassen — Classes principais; Förderklassen — classes de adiantamento; Hilfeklassen — classes especiais) nas quais se procederá de acordo com esse principio: quanto mais desfavoravel é a constituição física e psiquica do candidato, tanto mais favoraveis devem ser as condições da instrução.

Este sistema, depois de ter realizado as suas provas em Mannheim, foi adotado em varias outras cidades alemãs; na Suissa foi Basileá a primeira que o inaugurou; êle funciona em varias outras cidades: A escola n. 7, em Bruxelas, dirigida por M. Dalhem, pôde ser citada como um modelo de organização.

Cada desses seis graus compreende uma classe A e uma classe B, cujos alunos são selecionados em fracos e fortes, mediante tests. Cada grau compreende igualmente uma classe de retardados e uma classe de ensino especial. O metodo dos centros de interesses é aplicado por toda parte, salvo nos graus superiores das classes especiais, onde é a técnica do mistér que ocupa o centro do ensino. Ademais, uma classe de *readaptação* permite vir em auxilio dos alunos estrangeiros e daquêles que uma circunstancia fortuita retardou momentaneamente.

Trabalhos manuais para todos, duchas, enfermeiras visitadoras, bibliotécas para grandes e pequenos, nada a escola omitiu para o bem das crianças.

Em Berlim, as crianças que ficaram um ano na classe normal sem nela progredir, são admitidas nas Vorklassen ou classes de adiantamento: até são aí aceitas antes do fim do ano, si se mostram decididamente inaptas para seguir o ensino normal. Confiam-se essas "classes de adiantamento" a um mestre especial experimentado.

Nenhuma criança fica mais de dois anos na classe preparatoria; si ela aí não se desenvolve, é passada para a classe especial. Os idiotas mareados, os imbecis, são dirigidos para um instituto.

Os duros de ouvido são instruidos com escolas que lhes são exclusivamente consagradas. Uma criança passa para a classe seguinte, na Pascoa, si está sufficientemente adiantada, quanto á lingua patria: quanto aos outros ramos, calculo, trabalho manual, um sistema de classes moveis permite trocas numerosas.

Ha tambem na Inglaterra escolas admiravelmente organizadas, em que a educação preventiva é realizada com outra felicidade por uma série de classes que formam um verdadeiro crivo, através do qual deve passar a criança refractaria ás sugestões pedagogicas ordinarias, e que vai da escola ordinaria á casa de reforma.

Essas diversas instituições foram bem descritas por Demoor no seu trabalho *As crianças anormais e a criminalidade*.

Em "A Infancia Normal", uma revista belga, infelizmente desaparecida agora, o dr. Decroly e R. Buyse referiram, em 1923, á organização escolar de Nova York, notavelmente adaptadas a seus 800.000 escolares: cardiopatas, tuberculosos, pre-tuberculosos, raquiticos-anemicos, cegos, surdos e estropiados, são tratados separadamente, ao lado dos normais mentais, cerca de 5.000.

B — Sistemas escolares

Ao lado das classes de adiantamento, o ensino dos anormais propriamente ditos se pratica em internatos, sobretudo destinados aos anormais profundos e em classes especiais, mais particularmente destinadas aos retardados.

1 — Ha muitas categorias de anormais para os quais o *internato* se impõe: primeiro, aquêles em que a debilidade é a causa principal do retardamento; para muitos, os cuidados fisicos são ainda mais necessarios do que a instrução; a mesma observação prevalece, por maioria de razão, quanto aos débeis, cujo retardamento tem uma causa patologica.

Ha depois grande numero de crianças — isto aliás é verdadeiro quanto aos anormais tambem — cujos pais, que os amam com mais ternura do que clarividencia, retardam o desenvolvimento fisico, intelectual e moral, agindo em todos os dominios (nutrição, vestuario, exercicio) ás avessas do bom-senso cedendo a todos os seus caprichos, suprimindo para elles, por mal entendida modestia, toda occasião de fazer qualquer esforço, realizando em lugar delas o que as mesmas lucrariam em fazer por si proprias.

Em outros casos as crianças imitam as taras, os tios de pais que, embora faliveis, não têm a paciencia de suportar essas fraquezas.

O dr. Decroly expõe magnificamente, em sua brochura acêrca do *Tratamento dos Irregulares*, o fim que se pretende atingir com essas crianças:

"Cumpre educar a criança num meio adequado; esse meio é o que realiza o conjunto das condições materiais e morais que servirão de estimulante ás funções do individuo. Atenta a multiplicidade dos modos de adaptação correspondente á multiplicidade das condições da vida social, não ha senão uma minoria de inaptados e um numero ainda menor de inadaptables.

Para reduzir ainda essa minoria, a observação e a experiencia medico-pedagogica mostram que cumpre des-

pertar, favorecer no ente que se deseja educar, todas as manifestações ativas que elle apresenta e multiplicar as occasiões que provocam essas manifestações".

Ora, é evidente que a vida de internato responde muito melhor a esse fim do que a de uma classe, por mais bem organizada que seja. Sendo uma das condições essenciais do melhoramento dos anormais um meio calmo, repousante, o ideal para um internato é uma casa de campo, com o regime familiar: cada mestre é considerado como o pai de familia de um grupo de dez crianças.

Na Suissa franceza é o cantão de Vaud que conta maior numero de estabelecimentos para crianças anormais: Etoy, que tem tambem um "home" para os adultos; o estabelecimento "Au Grand Air", em Mondon; a casa de educação "Les Mûriers", para meninas, em Grandson, e Echichens, para meninos; "Le Foyer", em Chailly, destinava-se aos anormais cegos. O cantão de Neuchâtel abriu recentemente uma casa de educação em Malvilliers.

Quanto a Genebra, ella espera sempre a casa cuja abertura proxima este livro (1915) annunciava na sua primeira edição.

O relatório da Sociedade suissa de auxilio aos débeis de espirito (Schweiz. Hilfsgesellschaft e Geisterschwache) publica de dois em dois annos a estatística dos muitos estabelecimentos da Suissa alemã, da mesma fórma que a de todos os estabelecimentos suissos (presid.: H. Pluhr, Regensberg, Zurich). Não longe de Zurich se encontra o estabelecimento d'*Albisbrunn*, para crianças dificeis, mas que merece ser citado aqui como o ideal de convergencia. Foi fundado em 1924, graças ao apoio de uma pessoa generosa, para vir em auxilio, de uma parte, aos meninos que soffrem de taras fisicas ou morais, e, de outro, aquêles, cujo meio não era favoravel. Elle se propõe uma triplice tarefa: observar a criança, educá-la, e restitui-la á familia e á sociedade.

Uma observação de pelo menos tres menses no trabalho, nos jogos, durante o sono e os lazeres, permite depois dirigir a criança para o estabelecimento, a escola, ou a carreira que melhor lhe convém.

Os mestres e os educadores estão com os alunos na proporção de 1 para 2: assim, na refeição, dois mestres ou ajudantes comem com quatro alunos. A mistura de meninos de varias idades num mesmo grupo deu excellentes resultados. Estudo, trabalhos manuaes, jardinagem, trabalhos em diversas oficinas, occupam o tempo dos alunos. A' noite

evitam-se os aquartelamentos muito numerosos: sempre que é possível cada um tem o seu quarto, para que o menino possa encontrar-se a si mesmo.

A experiência mostrou que não são sempre os mestres mais treinados por longos estudos que se avém melhor com a juventude. Não raro, resultados excelentes são obtidos por mulheres, mesmo com os meninos mais velhos.

Na França, o movimento a favor da infância retardada estava bem iniciado antes da guerra: em Paris, sob o impulso de Binet e Vaney, em Lyon, sob o de Chabot, em Bordéus, onde se tinha obtida a colaboração quotidiana, tão desejável, do medico e do pedagogo (drs. Régis e Rotgés): as classes anormais da cidade de Bordéus alhures ainda se trabalhava com ardor; a guerra parece ter interrompido o impulso. Entretanto, ardentes amigos da infância retardada procuram conquistar a opinião, e pôde-se esperar, graças a seu zelo, ver dentro em pouco acrescida a proporção das crianças irregulares de que nos ocuparmos especialmente. De um inquerito feito em 1829, concernindo tanto ás crianças difíceis como ás retardadas e anormais, resulta que só se ocupa, por enquanto, de cerca de 7.000 crianças em 35.000, que exigiriam tratamento especial.

No que concerne á infância normal, esta tem á sua disposição dezoito escolas de aperfeiçoamento, classes ou escolas autonomas e asilos privados. Encontra-se na revista "Education", de fevereiro de 1929, a lista completa de inumeras obras de todos os generos que se occupam da infancia retardada ou em perigo moral. Os professores de retardados publicam uma revista *Notre Bulletin* (presid. L'Association des Instituteurs publics d'enfants arriérés: M. Huel Yvetot, Seine Inférieure) e, além disso, M. Guilmain empreendeu a publicação de uma série de brochuras que acabam de ser reunidas em volume: *Dix conférences sur la Pédagogie des Enfants arriérés et anormaux*. M. Danan expõe com a sua pena adextrada o que foi feito na França, e algumas vezes alhures, para os retardados, no seu volume *Mauvaise graine*. Enfim, não esqueçamos o belo livro de Robin: *L'enfant sans défaut*.

A Belgica nos serviu de guia, pois que é a um de seus mestres, o dr. Decroly, que devemos nossa primeira inspiração no dominio da pedagogia dos retardados. Ella consagrou, mais do que qualquer outro país da lingua francesa, somas enormes á criação de vastos estabelecimentos para essas crianças: o de Rixensart, para meninas, dirigido com talento pela senhorinha Monchamp; a Ferme-Ecole, de Wa-

terloo, fundada pelo soudaso dr. Boulenger; o Instituto, do dr. Decroly, em Uccle, Bruxellas; as classes especiais da cidade de Bruxelas, e a Escola (particular) da senhorinha Hamide praticam os "centros de interesse", do dr. Decroly: o estudo das necessidades da criança.

M. Rouvray acaba de fundar, anexo ao estabelecimento central de bservação de Moll (Antuerpia), uma modesta Granja-Escola, onde todos os alunos executam simultaneamente trabalhos agricolas e alguns exercicios escolares.

DAQUÍ E DALÍ

Novos metodos de ensino

La Grande Revue publica, num des seus recentes fasciculos, um artigo sobre o problema dos novos metodos de educação, artigo que tem a assinatura do sr. E. Flayol.

No nosso seculo de rapida e ás vezes brutal transformação, diz o autor, apresentam-se multiplos problemas. Os da educação não são os menos graves, nem os menos urgentes. Um mundo novo, economico, social, politico, para fazer face a fatos novos, para sustentar relações novas, reclama uma educação nova tambem. E, nesse dominio, como em muitos outros, os progressos scientificos têm iluminado vias não ainda familiares, mas, sem duvida, mais seguras e mais directas: transformação das organizações escolares de um lado, transformação das teorias e tecnicas pedagogicas de outro lado, são esses os dois aspectos do problema em todos os países.

Só o segundo desses aspectos occupa o autor.

Que os metodos franceses de educação sejam insuficientes e que a sua insuficiencia se pôde tornar tragica, poucos ousam contestá-lo, mesmo os que conhecem a dedicação e os esforços dos educadores e constatam a ineficacia da sua ação. Qual é a sua influencia, quando a criança entra na verdadeira vida, tão diferente da da escola? As occupações impostas, e quasi unicamente intellectuais, das classes, têm-na preparado para as formas diversas e voluntarias da ati-

vidade dos homens modernos? Tomou ela o habito de se decidir, de querer, de escolher a sua ação, de se dirigir por si mesma? Experimentou, nas tarefas que mais lhe convém, as aptidões morais que a caracterizam? E se não foi bem preparada para a vida, porque não se pensou senão na sua instrução ou sinão no seu saber, — dotaram-na ao menos das recordações amáveis de sua infância livre e feliz?

Que pai, que mãe não tem lamentado as longas horas em que os filhos são obrigados a tarefas que não os interessam espontaneamente, e cujos fins não podem entrever, sendo tão curtas as horas de recreio e livre atividade? E quanto tempo perdido na classe, a esperar os progressos dos colegas, mais lentos, enquanto os mal dotados se fatigam em seguir os outros! Quem não viu, com tristeza fanar-se na escola, sob o peso das tarefas comuns, a freseura de impressão, a atividade jubilosa, a curiosidade aguda, e mesmo a aptidão especial cedo revelada, e que, antes da sua completa eclosão, é morta pela regra da uniformidade? Tudo isso, nas escolas, é fonte de desordem, de inexactidão, de indisciplina.

O aborrecimento de ensinar incansavelmente o que as crianças não desejam aprender; de constrangê-las, em vez de fortificá-las; de menosprezar o auxilio dos seus gostos naturais — que educador não sentiu tudo isso, em certos momentos?

O autor trata em seguida, das reformas pedagogicas, em varios países e especialmente na França.

(Do "Estado de S. Paulo")

Pedagogia e ciencia da educação

Em artigo precedente, propus aos leitores a seguinte questão: —Ha verdadeiras ciencias, ciencias puras, sobre as quais se possa apoiar uma técnica racional da Educação?

Primeira resposta. Sim, ha hoje uma psicologia experimental, psicologia do homem em geral e, mais particularmente, psicologia da criança, que tem todos os caracteres de uma verdadeira ciencia. Essa ciencia, em certos casos privilegiados, nos faz conhecer, com alguma certeza e alguma previsão, o mecanismo de certas funções espirituais, por exemplo, da memoria, da atenção, da associação das imagens e das idéas. Permite, algumas vezes, dizer nitidamente o que distingue o jogo dessas funções no adulto e na crian-

ça e como essas funções se desenvolvem no curso da evolução psicogenetica, durante o primeiro, o segundo, o decimo, o decimo-quinto ano.

Ha, pois, uma base bastante solida para uma técnica ou ciencia aplicada, isto é, para uma pedagogia.

Segunda resposta. A psicologia da criança, supondo-se completa, não constitue, por si só, um conhecimento científico do fato complexo que é a educação. Porque a psicologia da criança ou pedologia estuda quasi exclusivamente a criança tal qual é em si mesma, tal qual se desenvolve espontaneamente, quando está mais ou menos abandonada a si propria. Ora, a educação sempre consistiu e consistirá sempre, certamente, em grande parte, em uma intervenção ativa dos adultos, que modifica o desenvolvimento espontaneo da criança. E' isso um bem, é um mal? Não sei. Em todo caso, é um fato. Que os adultos intervenham inconscientemente (por exemplo, falando sua lingua diante das crianças, entre elas, sem intenção educativa) ou conscientemente (por exemplo, ensinando as crianças a lingua do país) o fato é que eles intervêm. Como se faz e que produz essa intervenção? Sabemo-lo muito mal e estudamo-lo muito pouco. Estudar cientificamente essa ação dos adultos sobre as crianças seria fazer, verdadeiramente, uma ciencia do fato que é a educação.

Muito se tem procurado instituir experiencias para ver que resultados daria o emprego de tal ou tal processo educativo. E' o que se chama fazer pedagogia experimental. Eu não gosto dessa expressão, que se presta a confusão. Em geral, a pedagogia experimental não visa um fim científico, mas um fim pratico. Não propõe a questão: — que é que se passa, de fato, quando o adulto intervem? Procura saber se tal processo é vantajoso ou não; por exemplo se se obtêm resultados mais rapidos ensinando-se a escrita antes da leitura, do que ensinando-a depois, ou ao mesmo tempo. Todavia essas experiencias são instrutivas. Mas são ainda extraordinariamente pobres.

Sabemos, pois, muito mal o que se passa, de fato, na educação. A ciencia da educação, isto é, o conhecimento puramente descritivo e explicativo, sem mescla de preocupações praticas, da ação que a geração adulta exerce sobre a infantil, tal ciencia não está feita. Creio que se pôde fazer pelo menos em certa medida; mas é difficil e está apenas em começo.

Eis aqui exemplos de questões capitais, a que é impossível, atualmente, dar respostas científicas:

Em que medida pôde a educação moral modificar o caráter inato e as disposições hereditárias da criança? Em todas as épocas têm-se sustentado as duas opiniões contraditórias e todas as nuanças de opinião intermediárias: — impotência da educação, suprema potencialidade da educação, poder parcial da educação. Argumentações brilhantes, fatos e exemplos a serviço de todas as teses. No fundo, não sabemos.

Qual é, exatamente, o papel educativo da disciplina autoritária, da coação moral imposta à criança? Provavelmente, muitas vezes, tem-se abusado e usado mal da disciplina, da coação, e os seus detratores, tão numerosos hoje, sem dúvida, têm razão consideravelmente. Hoje é moda reclamar “liberdade” e “autonomia” para a criança. Pessoalmente, não tenho objeção contra a autonomia. Ha maneiras uteis de reagir contra os maus hábitos. Mas eu digo que não temos nenhum conhecimento científico do papel que desempenham a disciplina e a coação, na formação moral da criança.

Assim, ante uma ciência ainda muito pobre (abram os melhores compendios para se convencerem) que é a psicologia infantil — e outra ciência apenas esboçada, ou antes entrevista, aquela que estudaria verdadeiramente o fato da educação, a ação do adulto sobre a criança; eis onde estamos.

A técnica pedagógica só pôde, pois, raramente, e com precaução, apoiar-se na ciência. Não se parece com a medicina atual, apoiada em ciências solidas, patologia, anatomia, microbiologia. Assemelha-se antes ao que poderia ser a medicina, quando as ciências biológicas estavam na infancia. Não podendo ser científica, á falta de ciências, ela é inevitavelmente empirica e tradicional, como todas as técnicas precientíficas.

*
* * *

Creio que se devem tirar dessas observações duas conclusões.

A primeira é que a ciência não fornece, pelo menos na hora atual, os materiais suficientes para que se possa instituir uma pedagogia que tivesse o direito de se valer dela, que pudesse prescrever em seu nome. A falta de ciência, é, por

um lado, a tradição e, por outro, o que se chama a experiência — a experiência no largo sentido da palavra e não a experiência no sentido científico, a experiência adquirida no correr da vida pelo homem “experimentado” — que nos fornece a maior parte das “direções” de que nos inspiramos na educação. Por conseguinte, as qualidades muito empiricas do “prático”, o bom senso, o faro, o tacto, a intuição, são nos educadores muito mais necessários que o espirito propriamente científico. Dai, tiro este corolario, que muitas vezes indiquei aqui: — é preciso desconfiar de inovações audaciosas que pretendam revolucionar a pedagogia em nome da ciência. Porque essa ciência é muitas vezes uma pseudo-ciência, que não merece nenhuma confiança. Sejam os ousadamente inovadores e mesmo revolucionarios em materia de educação, quando vimos claramente que nossa rotina é má e que podemos, á custa de um esforço, melhorar o destino de nossas crianças. Mas desconfiemos dos sistemas de pretensões científicas e que, muitas vezes, não são mais que modas efemerias, sem bases solidas.

Mas, eis a minha grande conclusão, que vem limitar singularmente o alcance da primeira. Si a ciência do fato da educação e mesmo a pedologia estão apenas esboçadas, nem por isso o “espirito científico” — o verdadeiro, que é prudente e lento — deixa de poder e dever aplicar-se doravante ás coisas da educação. E é desejavel que, em cada país, o maior numero possivel de educadores profissionais, dirigidos por alguns especialistas que sejam dos mais sabios, se iniciem no espirito científico e nele se inspirem sem cessar, quando observem as crianças, quando observem sua propria ação e a maneira pela qual as crianças reagem a essa ação. Desconfio da falsa ciência e dos sistemas que se pretende deduzir dela. Mas tenho o culto da verdadeira ciência e creio na sua fecundidade. E mesmo quando a observação científica da criança e da educação não dá resultados praticos imediatos, mesmo quando ela não autoriza inovações sensacionais, é já um progresso imenso que os educadores introduzam os “hábitos” do espirito científico na sua maneira de ver as crianças. E, bem longe de pregar o cepticismo, julgo servir a boa causa da ciência, pondo os pedagogos em guarda contra uma tendencia, bastante comum hoje, de tomar por ciência o que não tem de ciência mais que o nome ou as aparências exteriores.

PAUL FAUCONNET.

(Do “Estado de S. Paulo”).

Relatório da secção de cooperação intelectual da União Pan-Americana, correspondente ao ano 1931-1932.

Como a União Pan-Americana, no transcorrer dos anos, vai-se tornando cada vez mais conhecida como centro de informações relativas ás vinte e uma republicas americanas, recebem-se constantemente indagações de governos, escolas, entidades comerciais e industriais, sociedades científicas e culturais e indivíduos. Os pedidos a seguir demonstram o tipo das indagações recebidas nesta Secção durante o ultimo ano: um relatório comprehensivo sobre os programas e métodos de ensino usados nos Estados-Unidos, em todos os ramos de ensino; educação técnica nos Estados-Unidos; escolas para a manufatura de sabão e de cerâmica; oportunidades para o estudo da arte no Mexico; educação comercial nos Estados-Unidos e na America Latina; escolas de medicina em diversos países latino-americanos; educação do índio em países que possuem uma extensa população primitiva; textos usados nos diversos países latino-americanos para o estudo de historia e civismo; vida domestica na America Latina; importantes criminologistas latino-americanos; trabalho de previsão infantil nos Estados-Unidos; o exercicio das profissões nos países latino-americanos; institutos nos Estados-Unidos para o estudo dos problemas sociais na industria; uma lista de tratados inter-americanos sobre o intercambio de professores e o exercicio das profissões liberais; jornalismo na America Latina; poetas catolicos da America Latina; publicações sobre a arte de imprensa e escolas de imprensa.

Os serviços da Secção foram solicitados por dois governos latino-americanos na obtenção de um perito em educação primaria e um psicologo, respectivamente. Cooperou com uma comissão da American Association of Teachers of Spanish, planejando uma serie de programas de radio-transmissão relativos á Hespanha e á America Latina, para serem irradiados em tempo oportuno. Recebeu pedidos, os quais foram atendidos da maneira mais ampla possível, para publicações especiais de duas bibliotecas na America Latina e de diversas nos Estados-Unidos. Serviu tambem, em cooperação com a Biblioteca, como intermediario para a distribuição de varios relatorios especiais, os quais foram enviados a endereços incluídos em listas cuidadosamente compiladas para

cada caso, e para a permuta de publicações entre associações nos diversos países.

A Secção forneceu informações detalhadas aos estudantes e investigadores especiais nos diversos países, membros da União Pan-Americana, que indagam quanto ás facilidades a serem obtidas em uma ou outra das nações.

Foi prestado auxilio especial a diversas pessoas que se dirigiam á America Latina no intuito de efetuar investigações, e diversos estudantes latino-americanos, possuidores do devido preparo, foram auxiliados na consecução de bolsas de estudo de diferentes valores oferecidas por varias universidades nos Estados-Unidos. Neste sentido, é grato informar que, no ano passado, o "Junior College", de St. Petersburg, Florida, ofereceu uma bolsa de estudo para cada país latino-americano. Deste modo o numero total de instituições, nos Estados-Unidos, que oferecem ensino gratuito, sóbe a 42, ao passo que cerca de 35 fornecem bolsas de estudo, cobrando em todo ou em parte as despesas do aluno. Além disso, existem certas organizações educacionais e culturais que tambem fornecem bolsas de estudo.

Entre os visitantes recebidos durante o ano economico findo, figuravam professores de universidades, professores de escolas elementares e superiores, estudantes, cientistas, escritores e representantes de diversas organizações culturais. Foram organizados planos especiais para a recepção de certos grupos de educadores reunidos em Washington, e de dois grupos de estudantes estrangeiros.

Além de prestar diversos serviços em cumprimento a pedidos diretos, a Secção encarregou-se de certas atividades no intuito de familiarizar os povos das Americas com os conhecimentos culturais uns dos outros. Providenciou-se para a realização de preleções por dois conferencistas, e manteve-se correspondencia com respeito a outros discursos, ao passo que membros do pessoal da Secção falaram em duas universidades e em duas conferencias. A Secção providenciou para a exhibição em Washington de uma pequena coleção de pinturas por estudantes nas escolas de arte ao ar livre do Mexico e de um grupo de litografias por um artista mexicano, sendo que estas ultimas haviam sido exibidas em Nova-York e em muitas outras cidades. Utilizaram-se certas ocasiões significativas para a disseminação de material informativo especialmente preparado. A primeira destas ocasiões foi o bicentenario do nascimento de George Washington, quando foi traduzido para o português e o espanhol e distribuído ás escolas das nações latino-americanas, mediante o ministerio da edu-

cação, considerável material sobre o assunto. Outrossim, foi enviada, por uma escola publica na capital dos Estados-Unidos, um retrato de George Washington, acompanhado de uma missiva amistosa, a uma escola em cada uma das Republicas latino-americanas, que, por sua vez, transmitiram cordialissima resposta. Observou-se tambem o centenario do nascimento de Juan Montalvo, providenciando-se para uma palestra sobre o grande escritor pelo Ministro do Equador, e chamando-se a atenção dos professores de literatura latino-americana nos Estados-Unidos para este centenario.

O segundo Dia Pan-Americano foi mais extensamente observado do que o primeiro, e varias mil escolas utilizaram-se de material fornecido pela Secção. A's escolas dos Estados-Unidos forneceram-se programas, projetos, planos de estudo, bibliografias e fontes de material impresso, e emprestaram-se cartazes e outro material decorativo para exibições especiais relativas ao Dia Pan-Americano. Procurou-se obter publicações ilustradas dos governos e agencias turisticas das 21 Republicas para distribuição entre as escolas latino-americanas. Como resultado disso, foram recebidos e enviados aos ministerios de educação, para o uso das escolas, varios mil panfletos procedentes de quatro paises diferentes. O Governo do Mexico gentilmente enviou as sete pinturas feitas por estudantes de arte, acima mencionadas, as quais foram transmitidas mais tarde ás escolas que têm o nome de Mexico, na Bolivia, Perú, Republica Dominicana, Brasil, Costa-Rica, e Uruguai, e a uma escola em Washington, D. C.

Continuou-se a publicação, como em anos anteriores, das Series sobre Educação, em português e espanhól, abrangendo varias fases do progresso educacional nos Estados-Unidos, Colombia, Equador e Uruguai. Dados relativamente á cooperação intelectual nas Americas foram preparados para dois relatorios officiais a serem submetidos á Setima Conferencia Internacional Americana. No intuito de corresponder á procura sempre crescente de material sobre a America Latina, da parte de clubes e estudantes individuais nos Estados-Unidos, e assim tambem como meio de estimular ainda mais aquele interesse, a Secção preparou extensas bibliografias anotadas sobre arte, literatura e educação na America Latina, e outras bibliografias mais abreviadas sobre a vida domestica e recreativa na America Latina, governo, meios de comunicação, grandes homens, vida cultural, movimento de estudantes, a condição social e educacional do indio, Pan-Americanismo, e outros topicos de interesse para estudantes. Aumentou-se o

material disponível para emprestimo, inclusive diversos cartazes bem preparados e publicações ilustradas.

Embora seja comum o ensino do espanhól nos colegios e nas universidades dos Estados-Unidos, o mesmo não se dá com o português. Durante o ano passado a Secção chamou a atenção de algumas das maiores universidades para este fato, ao mesmo tempo enviando publicações de interesse a estudantes de português e de negocios brasileiros. Foi possível tambem, mediante a gentileza de um professor de português, providenciar para palestras sobre o assunto em quatro universidades, em continuação ás iniciadas no ano anterior.

A Secção tem cooperado intimamente com muitos organismos e individuos interessados nos assuntos acima mencionados. E' grato notar que os esforços realizados conjuntamente estão dando resultados, conforme indica, não só o numero crescente de indagações recebidas na União Pan-Americana, senão tambem o interesse e atividade demonstrados por outras organizações e a formação de novas entidades incumbidas de alguma fase de relações culturais inter-americanas.

NOTICIARIO

Bibliotecas, Museus e Arquivos Publicos

No intuito de promover uma estreita cooperação entre a União, os Estados e os municipios para o fim de completar-se o sistema nacional de bibliotecas, museus e arquivos publicos, o dr. Washington Pires, ministro da Educação e Saude Publica, dirigiu ao Presidente de Minas-Gerais, ao Governador Militar de S. Paulo e aos Intervenores Federais nos Estados e no Territorio do Acre, o seguinte aviso-circular:

"Entre as atribuições do Ministerio da Educação e Saude Publi-

ca, inscreve-se a de promover a coordenação das atividades e recursos governamentais — sejam dos diferentes órgãos da propria União, das suas unidades politicas ou dos municipios — em beneficio da cultura nacional.

No campo dessa competencia, e sob as vistas e a orientação — deve-se frisar — do Chefe do Governo, que repetidamente tem entendido de fazer intervir de modo direto a sua autoridade em prol das iniciativas tomadas com aquele fim, varias realizações de notavel significação já registra a fo-

lha de serviços deste departamento ministerial.

Nesse sentido, é de lembrar, particularmente, o patrocínio da IV Conferencia Nacional de Educação e a realização, por ocasião desse certame, do Convenio Estatístico, do qual já se podem esperar os melhores resultados, graças ao empenho com que todas as entidades conveniantes o estão procurando cumprir. E merece ainda referência a solicitada colaboração obtida das administrações estaduais em varios empreendimentos de fins culturais, tais como: a elaboração do Anuario do Ministerio, com desenvolvida materia sobre os nossos monumentos historicos e artisticos, e trabalhos mais ou menos completos sobre a situação educacional e medico-sanitaria do país; a constituição e o regular funcionamento, em beneficio dos serviços do Ministerio, do Corpo de Correspondentes Regionais; o encaminhamento da organização do Corpo de Informantes Municipais, que com aquele vai colaborar. e o inicio das providencias para o preparo da grande e preciosa coletanea que se destina a ser o "Anuario de Legislação e Administração Municipal".

Uma outra iniciativa, porém, parece-me agora oportuna, qual a de promover-se, sob os auspícios do Governo Federal, a conjugação dos esforços das administrações regionais e municipais no sentido de se integrar, ainda que em moldes os mais modestos, de acordo com as premissas financeiras do momento, o sistema nacional de bibliotecas, arquivos e museus publicos.

O elenco dessas instituições na esfera administrativa federal, já é praticamente completo, correspondendo a organizações técnicas modelares, que veem preenchendo plenamente os seus fins.

Muitos Estados já contam também, excelentemente organizados, os tres aludidos serviços. Outros,

porém, só possuem um ou dois dentre eles, geralmente o arquivo, e algumas vezes o arquivo e a biblioteca.

E quanto aos municipios, não se falando nos pequenos depósitos de papéis das secretarias das Camaras Municipais, em regra sem organização nem caráter de "arquivo publico", pode-se dizer que rarissimos são os que possuem uma ou outra das aludidas organizações, e ainda mais raras — se é que algum exista — as que possuem como instituições franquçadas ao publico, um *arquivo*, uma *biblioteca* e um *museu*.

Ora, tais instituições devem existir, como serviços verdadeiramente *publicos*. Isto é, mantidos pelo Poder Publico e para o publico, em todas as circunserções administrativas ou politicas do país, pois constituindo, como constituem, um indice de civilização, consideradas como patri-mônios culturais, são ainda instrumentos de utilidade universalmente reconhecida para a instrução e a educação do povo. E especialmente no caso brasileiro, a presença delas é indispensavel e urgente, pois só assim se resguardará de uma dispersão ou destruição que infelizmente se tem processado quasi que sistematicamente, excelentes acervos bibliograficos, preciosos elementos de museu, principalmente de valor artistico ou historico, e até a documentação de caráter mais essencial da historia administrativa e social das coletividades comunaes e estaduais.

Sentindo-se tão claramente, portanto, esta grande lacuna no aparelhamento cultural na Nação, e uma vez que a este Ministerio cabe, como deixei assinalado, estimular de todas as maneiras o progresso da nossa civilização, não pode elle ficar alheio a tal situação, antes lhe corre o dever de concitar e patrocinar um movimento simultaneo, generalizado e uniforme quanto ás suas direti-

vas essenciais, nos Estados e municipios, com o objetivo de se organizarem quanto antes aqueles serviços, dentro das possibilidades atuais das respectivas administrações, e, por conseguinte, segundo planos bastante singelos, mas praticos e capazes de bem atingir os seus propositos. E esse dever se torna tanto mais imperioso quanto os governos revolucionarios ora à testa da vida nacional têm precisamente por missão realizar obra de renovação e integração das atividades do Poder Publico, para tal fim achando-se eles armados de excepcional autoridade, que os habilita com um potencial de cooperação e latitude de movimentos, ainda não verificados em tempo algum da vida nacional.

Por todos esses motivos, pois, sinto-me á vontade para submeter á esclarecida apreciação dos dignos chefes dos governos que presidem a administração das unidades federativas as seguintes sugestões, que formularei apenas em tese, afim de que sejam tomadas na consideração que merecem, tendo em vista a situação especial que se deparar, no respectivo ambito de autoridade a cada um dos seus illustres destinatarios.

Alvitrarei em primeiro lugar a iniciativa direta dos aludidos governos em ordem a se instituirem imediatamente, aqueles, dos serviços culturais considerados, ainda não existentes nos seus aparelhos administrativos, mas não como entidades autonomas, que seriam excessivamente onerosas para o momento, e sim simples desenvolvimentos ou ampliações dos porventura já em funcionamento. Essa medida se justifica e plenamente — e consagra a pratica de alguns Estados, — dadas as estreitas afinidades entre os serviços de biblioteca, museu e arquivo, e acarreta a vantagem de permitir que os objetivos em vista se concretizem por

meio de providencias muito simples e pouco onerosas, utilizando-se a sede do serviço que fosse ampliado e com o recurso da transferência para elle de funcionarios de outras dependencias que ofereçam condições de facil especialização.

Será de prever-se que, em co-nhecimento, os novos serviços assim organizados não venham a ter largas condições de expansão nem se revistam logo de uma técnica perfeita. Mas delos devem originar-se providencias que pela sua continuidade hão de conseguir, com o tempo, apreciavel acervo documental, aos chefes das administrações a coleccionar e conservar. Além do que os respectivos serventuarios poderiam fazer um curto estagio de especialização na repartição federal congênere, e esta, por sua vez, cederia oportunamente, em condições que seriam cuidadosamente fixadas no intuito de facilitar a medida, os técnicos que fossem orientar "in loco" os incipientes serviços estaduais.

E como iniciativa complementar á que acabo de expôr, sugiro a determinação pelos governos regionais, aos chefes das administrações municipais, que são hoje seus delegados e, portanto, excepcionalmente accessíveis á sua influencia, instale cada um deles, quanto antes, no proprio edificio da Secretaria da Camara, aos cuidados do respectivo diretor, auxiliado por um zelador, os serviços de biblioteca, museu e arquivo publicos.

Creado o conjunto de tais serviços, e desde que se lhes faça intelligente propaganda, estou certo de que não tardarão a afuir para elles apreciaveis contingentes de donativos, os quais se irão coleccionando metodicamente e entrarão a proporcionar desde logo, ainda que em forma rudimentar, os beneficios culturais a que se destinam. E para orientar os esforços do pessoal, naturalmente

sem nenhuma especialização, que fôr utilizado para tal fim, se recomendará que os serviços assim organizados mantenham contato e intercambio com os serviços estaduais congêneres, e que evidentemente resultará em recíprocos benefícios. Mas a Revista Nacional de Educação, que já é distribuída gratuitamente às Câmaras Municipais, se incumbirá ainda de vulgarizar, para uso de tais serviços, a técnica elemental a utilizar pelos seus encarregados, afim de dar ordem e apresentação adequada ao material que fôr sendo coligido; juntando-se a isto ainda o possível concurso do Ministério, expresso na oferta de coleções didáticas ou outras, de objetos de museu e biblioteca, para tal fim especialmente preparados.

Pela desenvolvimento dessas seções municipais de biblioteca, museu e arquivo se poderia ainda interessar a iniciativa particular, traduzida especialmente no amparo do professorado local ou das associações culturais, quicá de sociedades surgidas para protegê-las e torná-las condignas expressões do espírito de progresso e da cultura das colectividades comunitárias que servissem.

Uma pequena verba anual votada pelo município, permitiria ainda a aquisição progressiva para a biblioteca municipal, das principais obras de literatura, historia, etc., bem como as de vulgarização científica ou técnica, que pudermos contribuir para despertar o hábito e o gosto da leitura na população local, alçando aos poucos o seu nível mental e a sua cultura, ao mesmo tempo, que permitindo a revelação de muitas vocações obliteradas ou desviadas por falta de oportunidade para se tornarem concientes da própria força.

Se o arquivo teria reduzido movimento, limitando-se à boa guarda da documentação da vida municipal, já ao museu caberia

função mais extensa e mais dinamica. Constitui-lo-iam naturalmente varias secções — ainda que pequenas cada uma delas — de modo a ficarem representados os principais tipos das coleções que os institutos dessa especie costumam possuir, e a se conseguir para a formação de cada qual uma colaboração especial. O professorado local, por exemplo, com o auxilio dos seus alunos, muito poderá fazer pela secção de historia natural. Para a secção economica e comercial, a lavoura e a industria locais, satisfazendo os seus proprios interesses de propaganda, forneceriam os mostruários. E para a secção de objetos artisticos e historicos, não faltariam tambem donativos.

Mediante o esforço assim previsto em suas linhas mais gerais, creio bem que haveriamos de formar em pouco tempo, graças aos admiraveis frutos do espirito de cooperacão quando bem conduzido e do entusiasmo com que a nossa gente sabe corresponder às iniciativas que visam o bem publico ou uma conquista cultural, um sistema inteligentemente engrenado, de bibliotecas, arquivos e museus publicos, distribuidos, como é logico, em numerosidade crescente e importancia decrescente, pelos planos administrativos da União, dos Estados e dos Municipios. E de tal sistema poderemos esperar não só a formação e o resguardo de uma preciosissima cabedal para o estudo das cousas brasileiras, senão ainda uma intensa projecção civilizadora sobre nossas populações.

Com essa prefiguração do quadro a que nos poderá levar a idea que ora estou lançando, dirijome com vivo, empenho a v. excia., solicitando o seu interesse pelo aproveitamento das sugestões formuladas, na medida do que, nessa unidade da Federação, ainda estiver por fazer e fôr possível realizar no sentido delas,

ainda que porventura sob moldes algum tanto diferentes.

Das providencias de seu governo que esta circular venha a motivar, e dos resultados em que elas se forem traduzindo, rogo a v. excia. que se dizne de dar ciceria a este Ministerio, não só para fins dos registros, aqui feitos, das occorrencias culturais que se verificam no pais, mas ainda para a util divulgacão e propaganda que o assunto comporta e o encaminhamento de medidas que lhes possam traduzir praticamente, sob a inspiracão da propria experiencia, o patrocínio, o estímulo e a cooperacão da administração federal.

Certo de que v. excia. estudará com especial interesse o assunto exposto, é-me grato reiterar-lhe os meus protestos de alto apreço e distinta consideracão. — (a.) Washington Pres."

O ENSINO RURAL NO CEARÁ

(Comunicado da Diretoria Geral de Informaçoes, Estatística e Divulgacão do Ministerio da Educacão e Saude Publica).

A excelente revista "Educaçao Nova", cujo primeiro numero foi publicado no Ceará em junho do ano passado, divulgou interessantes dados sobre o movimento do ensino publico primario daquella unidade da Federaçao, relativamente ao ano de 1931.

Elevou-se a 543 o numero de estabelecimentos de instrucão que funcionaram no periodo a que se refere a estatística, num total de 1.935 classes, com 892 professores e 38.472 alunos matriculados, dos quais 16.598 do sexo masculino e 21.879 do sexo feminino.

A frequencia media atingiu, naquele ano, a cifra de 24.134 alunos, subindo na Capital a re-laçao de 70 «/» das matriculas e

a 60 «/» nos municipios do interior.

O total de alunos que aprenderam a ler durante o ano elevou-se a 8.076 crianças, e comparetaram o curso primario 1.293. O aparelhamento escolar foi aumentado em 1931 com 44 novas escolas.

Os progressos educacionais no Estado do Ceará evidenciam-se por esta simples indicaçao de algarismos. A publicacão da revista escolar já é por si só um indice expressivo da vida nas esferas responsaveis pela educacão do povo e a divulgacão de uma estatística bem elaborada, em tempo oportuno, revela a boa organizacão dos aparelhos de registro cujo funcionamento regular condicão o controle seguro das atividades escolares, constituindo a unica base para o estudo e applicaçao de novos melhoramentos na distribuicão dos educandarios, e dos recursos que lhes devem ser atribuidos.

Quanto ao ensino propriamente dito, considerado nas suas virtualidades praticas como instrumento de habilitaçao para a vida ativa, desde a reforma de 1923 a instrucão publica do Ceará evolue no sentido de uma adequaçao cada vez mais sensivel às necessidades que tem em vista atender.

Um indice auspicioso dessa tendencia, tivemos-o recentemente nas declaraçoes formuladas perante a 5.ª Conferencia Nacional de Educacão pelo professor Moreira de Souza, atual Director da Instrucão Publica naquela unidade nordestina, a proposito do ensino rural.

Segundo informou a referida autoridade, cõiza o Governo Regional da instalacão de escolas normais para formaçao de professores rurais e, mediante accordo entre a Diretoria da Instrucão e a Inspectoria Agricola Federal, deverá instituir desde já o ensino pratico da agricultura nas escolas publicas.

Nos termos desse entendimento, estabelecido como medida de emergência, na expectativa de uma organização definitiva do ensino rural, a Inspeção Agrícola prestará o auxílio seguinte: a) assistência e direção técnica dos trabalhos por intermédio do inspetor agrícola ou de seus ajudantes, com o concurso direto do arador da Inspeção; b) o ensino da agricultura, por meio de preleções elucidativas do trabalho prático; c) o fornecimento, no período das demonstrações das máquinas e utensílios agrícolas necessários aos trabalhos culturais, com cujas diversas tarefas os alunos se familiarizarão praticamente; d) o fornecimento de sementes, mudas, adubos, inseticidas, conforme suas possibilidades, para a cultura, exercício e prática dos educandos.

A escola ou grupo escolar fornecerá: a) um terreno no perímetro da área escolar ou em suas proximidades, a juízo do inspetor e seus ajudantes; b) um abrigo seguro para o material da Inspeção em serviço da escola ou grupo; c) o estreme de curral ou a matéria que o substitua, quando julgados indispensáveis.

O produto das colheitas, deduzidas as despesas com os trabalhadores e animais necessários, reverterá em benefício da Caixa Escolar da escola cooperante.

O movimento econômico do serviço será submetido a um registro rudimentar de contabilidade, executado de maneira que os alunos se inteirem de todo o seu mecanismo e do seu alcance prático.

Ainda por força do acórdão estabelecido, tendo os alunos parte direta e ativa no trabalho de organização, se instalará um horto onde serão cultivadas as principais espécies da flora do nordeste brasileiro, as que mais de perto se relacionem com a economia da zona atingida pelas secas: cactos, canafistula, juazeiro, carnaubeira, macambira, etc.

Frutifique o exemplo do Ceará, e o Brasil terá encaminhado, assim, otimamente, a solução de um dos pontos capitais de seu problema educacional.

Na solenidade de colação de grau das normalistas da Escola Normal Oficial de Uberaba, no dia 11 de janeiro, o professor Guerino Casasanta, inspetor geral da Instrução, proferiu o seguinte discurso:

Impedido por inadiáveis e imperiosos negócios da Administração, incumbiu-me o sr. Secretário da Educação e Saúde Pública de trazer-vos a sua palavra amiga de saudações, e manifestar-vos o pesar de s. excia. de se ver privado de vosso convívio e de vossa hospitalidade.

Trago, também, o compromisso que s. excia. assumiu de, proximo, visitar esta esplêndida cidade e este magnífico povo, que tanto enaltecem a terra mineira, por suas consecutivas vitórias e por seus reiterados esforços em prol de Minas-Gerais.

As prezadas e distintas ajuas que hoje concluem o seu curso normal, cumpre-me dizer duas palavras sobre a sua missão, que, nesta hora grave e decisiva de nossa nacionalidade, assume proporções fúlgidas, pela soma de responsabilidades que a mesma delicadeza do momento lhe atribue e pelas esperanças que a Pátria nela deposita.

O PROBLEMA DOS PROBLEMAS

O problema dos problemas não é, propriamente, a desalfabetização do brasileiro. O conceito

de que "abrir uma escola é fechar uma cadeia", é, como poesia, excelente, e, como frase feita, magnífica. Mas, agora, o nosso problema é obter que a escola consiga alguma coisa mais do que ensinar o *a b c* e as quatro contas da praxe: necessitamos de homens aptos para a vida, homens completos, dignos da democracia que tanto desejamos, dentro da qual as capacidades são igualmente aproveitadas, rica como é de identicas oportunidades para todos.

Ensinar o *a b c*, é, sem mais nenhum fundamento, deixar o homem à beira da estrada; ensinar-lhe as quatro operações, e não lhe incentivar a iniciativa nem lhe concitar os esforços e orientar-lhe as energias; privá-lo de pensar por si só, incapacitá-lo de agir por si mesmo, encarando os fatos, compreendendo a vida, e resolvendo os seus problemas, é, sem dúvida, falsificar a escola, desviá-la de seus altíssimos fins, romper os compromissos com a sociedade.

Uma civilização que, sómente penetra no cérebro e não no fundo do coração e da alma — disse Kleper — é uma civilização sem alegrias, porque não pôde satisfazer e tornar feliz o homem interior.

A organização do homem deve ser, pois, o principal objeto da escola. E essa organização deve vir de dentro para fóra, de maneira a ordenar as qualidades morais e habilitar o indivíduo a fazer delas um uso adequado. Não se deve julgar o merito de

um homem — diz um pensador francês — pelas suas grandes qualidades, mas pelo uso que esse homem faz delas. E a verdadeira civilização, diz Saitschik — deve ser cultura interior, cultura do coração, cultura da alma.

Vê-se, portanto, que a missão precípua do educador moderno não é, apenas, comunicar a seus alunos um punhado de conhecimentos. Incumbe-lhe examinar até que ponto o estudo das diversas matérias interessa presentemente à criança e em que medida servem elas para a sua formação moral.

Aprender por aprender não interessa à criança. O que a empolga é a utilidade atual da coisa ensinada — utilidade que se manifesta por um interesse ardoroso e absorvente.

A DISCIPLINA NA ESCOLA

Dai, do ótimo aproveitamento das atividades infantis, atividades exuberantes e tão frequentemente manifestadas pelas crianças, brota a verdadeira disciplina escolar. Não será ela imposta pela autoridade do mestre, mas profundamente desejada pelo aluno. Os trabalhos escolares, uma vez desenvolvidos e executados dentro dos interesses e aspirações infantis, são os melhores fatores da disciplina, pedindo toque da escola moderna.

E isto não constitui nenhuma novidade importada do estrangeiro: os próprios adultos produzem com mais espontaneidade, quando estimulados por um

interesse real, isto é, quando "querem" o que "fazem".

Dando margem à iniciativa da criança, ampliando-lhe criteriosamente a liberdade, atendendo às suas justas aspirações, conseguiremos apreciáveis resultados, e a escola deixará de constituir uma tortura para se transformar em lugar de alegria.

O MESTRE E A ESCOLA

O papel do mestre, pois, é o de um companheiro de seus alunos. A êle cumpre transformar a escola, em seus métodos e em seus fins, tudo providenciando e tudo provendo, ajudando e auxiliando as crianças, estimulando seus esforços, encarecendo seus sucessos e vitórias, encaminhando as energias para que tenham elas suas justas aplicações.

O ensino deve ser feito dentro da vida e da atualidade, por forma que os problemas sejam resolvidos pelas próprias crianças, e que estas procurem, com suas próprias mãos e com sua própria inteligência, os meios necessários para a sua solução.

A escola dispõe de numerosos e variados meios de atualizar o ensino; os motivos que podem fomentar a iniciativa enchem os nossos dias. Porque, então, deixar esta rica variedade de estímulos, para buscar outros que não interessam nem aos próprios adultos?

EDUCAÇÃO MORAL NA ESCOLA

Entre os deveres do mestre, para que seja capaz de modifi-

car a escola comum destinada ao ensino do *a b c* apenas, devemos colocar, como um dos primeiros, a formação moral das crianças. O ensino não pode e não deve ser dado ao sabor dos velhos métodos e regulado por um horário especial. A educação moral do indivíduo não se faz por palavras, senão por obras. Nem todos os que dizem Senhor! Senhor! vão para o reino dos céus, diz a Sagrada Escritura.

A educação moral pôde ser feita através do ensino de todas as matérias, no momento oportuno, isto é, quando o indivíduo, por certas disposições afetivas, está em condições de bem aproveitar os ensinamentos. Para melhor esclarecer este conceito, é bom meditar na velha praxe, usada por muitos professores, de incumbirem os alunos de descrever um dia de sol em plena chuva e um dia de chuva em pleno sol.

Deve, pois, o ensino da educação moral, ser ocasional. Numa excursão, por exemplo, o mestre bem orientado terá mil oportunidades de chamar a atenção dos alunos para o melhor modo de andar na rua; para a caridade que devemos aos pobres e desamparados; para a ternura que devemos às crianças; para o respeito que devemos a todas as criaturas.

Olhando o céu ou observando a terra, apreciando uma flor ou admirando uma estrela, podemos considerar a grandeza de Deus e as maravilhosas criações da natureza.

O ensino deve ser ativo, dentro da vida e através da vida, e só assim conseguiremos uma geração digna do tempo em que vivemos, e, portanto, capaz de progredir e de vencer.

A ROTINA, INIMIGA DA ESCOLA

Evoluir é a nossa bandieira. Fazer a mesma coisa, do mesmo modo, hoje e sempre, é positivamente estacionar e estacionar é retroceder. A escola deve acompanhar o movimento da sociedade, já que a sociedade não pôde seguir a escola, o farol da civilização.

O professor não pôde, por dever de consciência, ficar estacionado no caminho, quando tudo progride em torno d'êle. Além das qualidades comuns de energia, de bondade, de cultura, de justiça, de serenidade e de honestidade, o professor deve colocar alto o seu ideal de aperfeiçoamento, buscando afinadamente atingi-lo. Nesse afã, está o movimento e o movimento é a vida.

A rotina é a morte e o aniquilamento.

A PARABOLA DOS DEZ TALENTOS

... e um homem, partindo para fóra da terra, chamou a seus servos e entregou-lhes os seus bens.

E a um deu cinco talentos, e a outro dois, e a outro um, a cada um segundo a sua capacidade, e ausentou-se para longe.

E, tendo êle partido, o que recebera cinco talentos negociou com êles, e grangeou outros cinco talentos.

Da mesma sorte, o que recebera dois grangeou também outros dois.

Mas, o que recebera um, foi e cavou na terra, e escondeu o dinheiro do seu senhor.

E muito tempo depois veio o Senhor daquêles servos e fez contas com êles.

E disse o Senhor, ao que recebera cinco talentos: "Bem está, servo bom e fiel".

E ao que recebera dois talentos: "Bem está, bom e fiel servo".

E ao que escondera o talento no seio da terra: "Mau e negligente servo".

Na singeleza da palavra Evangelica, transparece a obrigação que nos corre de trabalhar não á moda do mau servo, que escondeu o seu talento, o qual não frutificou e não progrediu, mas como o bom servo, o servo fiel, que duplicou o seu capital.

A fé no nosso esforço é já um início de vitória.

SOCIALIZAR A ESCOLA

Ao passo que novos e melhores métodos vão auxiliando o trabalho educacional, o mestre deve ir socializando a escola, isto é, colocando os seus alunos em condições de bem agirem em sociedade, ganhando seu espirito fortaleza e consistência, adquirindo sua personalidade inconfundível perfil. A velha escola desejava preparar o indivíduo para a vida

completa no futuro: não; queremos que as crianças vivam sua vida completamente como crianças no presente, mas dirigindo-as para a vida e para a sociedade de que fazem parte integrante.

A socialização, bem orientada, será um fator decisivo para a formação moral do indivíduo. Não convém esquecer aquilo de Cristo: "Como é bom viver os irmãos em um!"

E mais aquilo do Evangelho: "Ai! dos sós (vae solis) porque quando caírem não haverá quem os levante".

Socializar a criança não é por forma alguma materialisá-la. Socializá-la é enobrecê-la.

Eis aí, em palavras desatavias, o que eu vim dizer-vos, neste momento de alegria e de festa para o vosso coração e para a vossa radiante mocidade.

No correr da vida atentai bem para os eternos ensinamentos que

brotam da bondade e da verdade.

A ciência — sem consciência — diz Rabelais, é a ruína da alma.

A escola que não forma, dentro da atualidade, o indivíduo bom, honesto, justo, trabalhador e ativo, não é digna desse nome.

Ao mesmo passo que a escola vai familiarizando o homem com os grandes problemas sociais, deverá atender, também, e com muito cuidado, à formação de seu caráter.

Apresentando-vos, pois, em nome do sr. Secretário da Educação e Saúde Pública, as minhas felicitações e os meus votos de felicidade, recomendo-vos fazer da escola uma forja magnífica de caráter e, portanto, de nacionalidade e de patriotismo. Durante toda a vossa vida tende presente como lema e como guia, aquela frase lapidar de S. José de Calazans, o grande pedagogo católico: "A ciência adorna e enfeita; a virtude corôa e dignifica".

ADMINISTRAÇÃO DO ENSINO

Inspetoria Geral da Instrução

INSTRUÇÕES — N. 1

Homogeneização das classes escolares

O exame e classificação dos alunos para formação de classes, homogêneas será feito, neste ano, em todos os grupos escolares da Capital e nos grupos

do interior, onde houver professora diplomada pela Escola de Aperfeiçoamento e obedecerá às seguintes instruções:

1 — Nos citados estabelecimentos, o exame será feito por meio de tests que serão aplicados a partir do dia 15 deste mês, a todas as crianças novatas ou

repetentes, que se matricularão no primeiro e no 2.º ano, e ainda não examinadas pelo test.

2 — As crianças que, no fim do ano passado, foram examinadas pelos tests, não serão novamente examinadas, mas apenas relacionadas em listas especiais, com indicação dessa circunstância e colhidos para o fim de classificação, os resultados alcançados pelas mesmas crianças, no exame pelo test a que foram antes submetidas.

3 — Serão aplicados os seguintes tests:

a) Test "Prime", destinado às crianças novatas de 1.º ano;

b) Test "P. S.", destinado às crianças repetentes de 1.º ano e a de 2.º, ano do interior.

c) Test "B. Hor.", destinado às crianças repetentes de 1.º ano e às de 2.º, ano em geral, nos grupos da Capital.

4 — Os resultados dos tests, colhidos em quadros estatísticos (tabulação simples), serão à medida que forem sendo apurados, em cada grupo escolar, remetidos ao Corpo Técnico desta Secretaria, para apuração das médias e normas que devem orientar a classificação.

5 — Para os fins da tabulação, as crianças examinadas pelos tests serão agrupadas pelas idades do seguinte modo:

a) 1.º Grupo: crianças de idade entre 6 anos e 9 meses, inclusive, a 7 anos e meio, exclusive; 2.º grupo, idade entre 7 anos e meio, inclusive e 8 e meio exclusive; 3.º grupo, idade entre 8 anos e meio inclusive e 10 e meio exclusive; 4.º grupo, idade entre 10 anos e meio, inclusive e 12 e meio exclusive; 5.º grupo, idade de 12 anos e meio inclusive em diante;

b) as idades das crianças serão colhidas com exatidão e registradas nas fichas de tests calculadas em anos e meses completados agora.

6 — A técnica de aplicação dos tests não poderá ser alterada em nenhum caso.

7 — A correção dos tests será feita pela professora técnica encarregada da aplicação. Quando a apreciação do test suscitar dúvidas de interpretação, o critério adotado nesse caso será registra-

do, com os detalhes mais característicos, fornecendo o experimentalor cópia desse registro, com o primeiro quadro de resultados que enviar ao Corpo Técnico.

8 — As normas para a classificação serão publicadas no órgão oficial, com as respectivas instruções, para a formação das classes.

9 — A aplicação dos tests compete às professoras técnicas dos respectivos estabelecimentos, sob cuja responsabilidade ficará o serviço, podendo o inspetor, em casos especiais, designar outros funcionários, dentro do quadro técnico, para se encarregarrem do serviço em determinados estabelecimentos ou localidades.

Belo Horizonte, 9 de Janeiro de 1933.
— *Guerino Casasanta*, Inspetor geral da Instrução.

AVISO N. 2

Aos funcionários encarregados da aplicação de tests nos grupos escolares

O material de tests destinado à homogeneização das classes, neste ano, deve ser pedido ao Corpo Técnico desta Secretaria, com a necessária antecedência, a partir desta data. Os interessados, em seu pedidos, deverão indicar numero provável de exemplares necessários de cada test.

Belo Horizonte, 9 de Janeiro de 1933.
— (a.) *Guerino Casasanta*, Inspetor geral da Instrução.

AVISO N. 3

Aplicação de tests

Na forma do item 9, do aviso n. 1, de 9 deste mês, ficam designados para se encarregarrem do serviço de aplicação de "tests", nos grupos escolares abaixo indicados, os seguintes funcionários:

a) Capital:
Grupo escolar "Bernardo Monteiro", Irene Silveira, assistente técnica;
Grupo escolar "Cesário Alvim", Zélia Corrêa Rabello, assistente técnica.
Grupo escolar "João Pessoa", Maria Ephigenia dos Santos, professora técnica.

Grupo escolar "José Bonifácio", Zênha Soares de Sá, assistente técnica.

Grupo escolar "Flávio dos Santos", Edina Joviano dos Santos, assistente técnica.

Grupo escolar "Henrique Diniz", Anita Brina, professora técnica.

Grupo escolar "Castano Azeredo", Maria da Gloria Lucy Torquato, professora técnica.

Grupo escolar "Francisco Sales", Maria Sazel de Padua, professora técnica.

Grupo escolar "Afonso Pena", Alcina Lanna, professora técnica.

Grupo escolar "Tomaz Brandão", Maria Cunha, professora técnica.

Grupo escolar "Pedro II", Antonelia Falcões, professora técnica.

Grupo escolar "Barão do Rio Branco", Irene Lustosa, professora técnica.

Classes anexas à Escola Normal Oficial, Helena Paladini, professora técnica.

Instituto "João Pinheiro", Anna Co-roacy S. Torquato, professora técnica.

b) Interior:

Juiz de Fora:

Grupos escolares da cidade:

Divina de Carvalho Faria, assistente técnica.

Emmanuel Brandão Fontes, assistente técnico.

Julia Lopes, professora da Escola Normal Oficial.

Maria José de Andrade, professora da Escola Normal Oficial.

Belo Horizonte, 13 de janeiro de 1933

— *Claudianor Lopes*, pelo Inspetor Geral da Instrução.

AVISO N. 4

Relatórios

No que concerne do aspecto técnico do trabalho escolar, os funcionários incumbidos de assistência, fiscalização ou direção do ensino, deverão enviar a esta Secretaria os seguintes relatórios:

a) trimestrais, os fiscais permanentes e as professoras técnicas;

b) semestrais, os diretores de estabelecimentos;

c) referentes a cada estabelecimento visitado, os assistentes técnicos;

Para os relatórios trimestrais e semestrais, ficam fixados os seguintes períodos:

1.º trimestre: janeiro, fevereiro e março;

2.º trimestre: abril, maio e junho;

3.º trimestre: julho, agosto e setembro;

4.º trimestre: outubro, novembro e dezembro.

1.º semestre: janeiro a junho;

2.º semestre: julho a dezembro.

Tais relatórios que devem conter exposição detalhada da marcha dos trabalhos, sob o ponto de vista técnico e vir acompanhados da documentação necessária, deverão ser enviados a esta Secretaria, regularmente, dentro dos oito primeiros dias que se seguirem à terminação do estabelecimento visitado, para os semestrais, ou a terminação da inspeção no estabelecimento visitado, para os relatórios dos assistentes técnicos.

Belo-Horizonte, 13 de janeiro de 1933.

— *Claudianor Lopes*, pelo Inspetor Geral da Instrução.

AVISO N. 5

Homogeneização das classes

Chamo a atenção dos funcionários encarregados da aplicação dos tests, para os seguintes pontos:

1 — Com referência às instruções de n. 1, de 9 deste mês:

a) Itens 1 e 2;

b) Letras "b" e "c" do item n. 3, cujas indicações se devem subordinar às limitações dos itens 1 e 2.

2 — Com referência à técnica do test "Prime":

a) ao fazer a pergunta n. 10, deve a experimentadora segurar o dedo da criança.

Belo-Horizonte, 19 de janeiro de 1933.

— *Claudianor Lopes*, pelo Inspetor Geral da Instrução.

AVISO N. 6

Matrícula nas escolas primárias

Recomendo aos senhores diretores e professores, a quem competir a inscrição de alunos nas escolas primárias, ob-

servem a exigência relativa à prova de idade, que os interessados devem apresentar, na forma do decreto numero 10.133, de 17 de novembro de 1931, e como nestas instruções se recomendam:

1 — Os diretores e professores providenciarão para que se consiga neste ano completar, tanto quanto possível, as lacunas existentes no registro dos alunos anteriormente matriculados sem a satisfação daquela exigência, já providenciando na forma do artigo 2.º, do citado decreto, já na forma do n. 2, deste aviso.

2 — Aos alunos que não puderem, de momento, apresentar a prova de idade, justificada satisfatoriamente essa impossibilidade, a juízo do diretor, será marcado um prazo razoável dentro do qual deverão satisfazer a exigência.

3 — Todos os dados que se exigem para a inscrição na matrícula devem ser o mais exatos possível, devendo o diretor exigir para tal efeito, que os pais ou responsáveis estejam presentes ao ato da matrícula.

4 — As certidões de idade, quando devam ser devolvidas serão registradas em um livro especial, criado para esse fim, onde se anotarão somente os elementos essenciais do documento; as certidões que se fornecerem para fins escolares não serão devolvidas, devendo ficar arquivadas no estabelecimento.

Belo-Horizonte, 20 de janeiro de 1933.

— *Claudianor Lopes*, pelo Inspetor Geral da Instrução.

AVISO N. 7

As normalistas, inscritas no concurso para provimento das vagas de estagiárias contratadas nos grupos da Capital, serão submetidas, a 20 de fevereiro próximo, em Belo-Horizonte, a uma prova escrita, que versará sobre pontos fundamentais da metodologia geral, da metodologia particular e da psicologia educacional.

Belo-Horizonte, 21 de janeiro de 1933.

— *Claudianor Lopes*, pelo Inspetor Geral da Instrução.

AVISO N. 8

Correção ao aviso n. 3

Ficam assim corrigidas as designações constantes do aviso n. 3, de 13

deste mês, referentes aos grupos abaixo indicados:

Grupo escolar "Cesário Alvim", Anita Brina, professora técnica.

Grupo escolar "Henrique Diniz", Virginia Santos, professora técnica.

Belo-Horizonte, 21 de janeiro de 1933.

— *Claudianor Lopes*, pelo Inspetor Geral da Instrução.

AVISO

Das folhas de pagamento do pessoal docente dos grupos escolares, relativas aos meses de janeiro e fevereiro do corrente ano, deverão constar os nomes das professoras que estiveram na Escola de Aperfeiçoamento em 1932.

Inspeção Geral da Instrução, em Belo-Horizonte, 9 de janeiro de 1933. — *Claudianor Lopes*, pelo Inspetor Geral da Instrução.

AVISO

Chamo a atenção dos srs. diretores das escolas normais, grupos escolares, e escolas reunidas para os artigos 2.º e 4.º, dos regulamentos do ensino normal e primário, respectivamente:

"Não pôde funcionar no mesmo estabelecimento, cabendo, nos casos deste artigo, remoção ou exoneração, a juízo do governo, diretor:

a) que seja cônjuge de algum dos professores;

b) parente até o 3.º grau de qualquer dos docentes";

Esta incompatibilidade se estende aos fiscais, inspetores escolares municipais, distritais, seus suplentes e empregados subalternos, mas não existe entre o diretor e o auxiliar de diretoria e entre o diretor e a professora técnica assistente do mesmo grupo.

Os interessados devem trazer ao conhecimento da Secretaria as incompatibilidades porventura existentes nos estabelecimentos de ensino, para as providências regulamentares.

Inspeção Geral da Instrução, 16 de janeiro de 1933. — *Claudianor Lopes*, pelo Inspetor Geral da Instrução.